

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLin)**

LUANA CARVALHO COELHO

**A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *DAR*: DE PREDICADOR A INTEGRANTE
DE EXPRESSÕES CRISTALIZADAS**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2016

LUANA CARVALHO COELHO

**A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *DAR*: DE PREDICADOR A INTEGRANTE
DE EXPRESSÕES CRISTALIZADAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa

Coorientador: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2016

Coelho, Luana Carvalho.

C614g A gramaticalização do verbo dar: de predicador a integrante de expressões cristalizadas. / Luana Carvalho Coelho, 2016. 96f.

Orientador (a): Valéria Viana Sousa.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2016.

Inclui referências. F. 94 – 96.

1. Gramaticalização – Verbo dar. 2. Polissêmica. 3. Sociolinguística. 4. Funcionalismo. I. Sousa, Valéria Viana. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLin. III. T.

CDD: 469.5

Catálogo na fonte: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/54-P
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The gramaticalization of the verb “to give”: of predicator to integrant of crystallized clauses

Palavras-chave em inglês: Verb “to give”. Polysemic nature. Sociolinguistics. Functionalism.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (Coorientador-UESB); Profa. Dra. Vera Pacheco (UESB); Profa. Dra. Leilane Ramos Da Silva (UFS)

Data da defesa: 29 de fevereiro de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

LUANA CARVALHO COELHO

**A GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO *DAR*: DE PREDICADOR A INTEGRANTE
DE EXPRESSÕES CRISTALIZADAS**

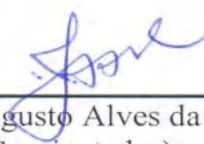
Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 29 de fevereiro de 2016.

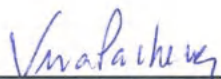
BANCA EXAMINADORA



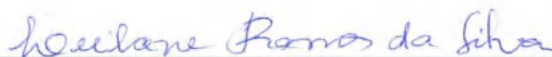
Profª. Dra. Valéria Viana Sousa (UESB)
(Orientadora)



Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)
(Coorientador)



Profª. Dra. Vera Pacheco (UESB)



Profª. Dra. Leilane Ramos da Silva (UFS)

A meu avô

AGRADECIMENTOS

A mainha e painho, a torcida, o apoio e o orgulho demonstrado.

À professora Valéria Viana, a dedicação em me orientar, o cuidado único, as palavras de carinho e apoio que me fizeram sentir segurança em tudo que já trilhei até aqui.

Ao professor Jorge Augusto, a orientação paciente, o carinho e por sempre se prontificar a emprestar os dicionários.

À professora Vera Pacheco, que muito contribuiu com sugestões para o aperfeiçoamento deste estudo.

Aos colegas de mestrado, especialmente Gil, Milca e Sivonei, por dividirem as experiências, dúvidas, angústias e alívios.

A Vânia, as trocas de ideias e a preocupação.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa Janus, as palavras de incentivo e a torcida

A Tássia, o auxílio e por sempre dizer “fique tranquila, vão adiar o prazo”.

A Cecy, a paciência e toda a ajuda.

Aos amigos, que precisaram entender as minhas ausências e que me proporcionaram momentos felizes durante esses anos.

À FAPESB, o financiamento desta pesquisa.

RESUMO

A língua falada como objeto social é passível a mudanças. Inovações surgem constantemente e novos conceitos, significados vão se formando. A partir dessa perspectiva, tenciona-se com esse estudo refletir sobre a natureza polissêmica do verbo *dar* no português brasileiro à luz da Sociolinguística e do Funcionalismo norte-americano a fim de investigar as alterações sofridas na forma e na função por esse verbo. As amostras analisadas nesta pesquisa foram extraídas do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) e do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC), organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo. Foram selecionadas, aleatoriamente, vinte e quatro entrevistas, com doze informantes pertencentes a cada *corpuse*, nestas, foram retiradas as ocorrências do verbo *dar* para descrição. Para análise, selecionamos, como variáveis linguísticas, transitividade verbal, extensões de sentido e *continuum* de gramaticalização; e, como variáveis extralinguísticas, nível de escolaridade, sexo e faixa etária. Nossos dados foram rodados através do Programa GoldVarb. Neste estudo, constatamos que o processo de gramaticalização é o responsável pela capacidade categorial do verbo e, além disso, notamos que os valores atribuídos ao *dar* ao longo do tempo possibilitaram criar uma cadeia de gramaticalização com esse verbo e, ainda, percebemos a potencialidade polissêmica do *dar*.

PALAVRAS-CHAVE

Verbo *dar*. Natureza polissêmica. Sociolinguística. Funcionalismo.

ABSTRACT

The spoken language as a social object is subject to change. Innovations are constantly emerging and new concepts, meanings are formed. From this perspective, it is intended with this study reflect on the polysemic nature of the verb give in Brazilian Portuguese in the light of sociolinguistics and American functionalism in order to investigate the changes suffered in the form and function of this verb. The samples analyzed in this study were taken from the Corpus of Vitória da Conquista's Popular Portuguese (VCP) and Corpus of Vitória da Conquista's Formal Portuguese (VCFP), organized by the Historical Linguistics and Sociofuncionalismo Research Group. They selected randomly twenty-four interviews with twelve informants belonging to each corpus, collecting the use of the verb give for description. For analysis, we selected the transitive verbal linguistic variables, meaning extensions and grammaticalization continuum. After rounds of statistical processes in GoldVarb program, we controlled the extralinguistic variables: education level, gender and age. In this study, it was found that the grammaticalization process is responsible for categorical capacity of the verb give, and besides, we realized the polysemic potential of giving.

KEYWORDS

Verb 'to give'. Polysemic nature. Sociolinguistics. Functionalism.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Autores utilizados no <i>Dicionário de verbos e regimes</i> .	29
Quadro 2: Resumo dos dicionários pesquisados.	33
Quadro 3: Resumo das definições de verbo das gramáticas analisadas.	44
Quadro 4: Informantes dos <i>corpora</i> do Português Popular e do Português Culto.	62
Quadro 5: Categorização dos dados	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tempos no modo subjuntivo	36
Figura 2: Classes principais de verbos predicadores.	38
Figura 3: Exemplos de verbo pleno e verbo pleno abstrato.	54
Figura 4: Exemplos de verbo suporte e dar uma <i>x-ada</i> .	57
Figura 5: Exemplo de expressão idiomática.	57
Figura 6: Extensões de sentido do verbo <i>dar</i>	69
Figura 7: Tipos semânticos do verbo suporte	77
Figura 8: Diferença entre o verbo suporte e o verbo pleno	80
Figura 9: Diferença entre verbo pleno e <i>x-ada</i>	83
Figura 10: <i>Continuum</i> de gramaticalização	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ocorrências destacadas por Maciel (2005)	46
Tabela 2: Fonte da coleta de dados em acervos do Português Brasileiro e Europeu para estudo da gramaticalização do <i>dar</i>	49
Tabela 3: Produtividade das categorias.	50
Tabela 4: Extensões de sentido do verbo <i>dar</i>	65
Tabela 5: Atuação da variável anos de escolarização nos <i>corpora</i>	88
Tabela 6: Atuação da variável sexo nos <i>corpora</i>	89
Tabela 7: Atuação da variável faixa etária nos <i>corpora</i>	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Extensões de sentido do verbo <i>dar</i> utilizadas pelos informantes dos <i>corpora</i>	70
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

V_(dar): Verbo *dar*

X: agente

Y: destinatário

V_(causativo): Verbo causativo

SN: Sintagma Nominal

PPVC: Português Popular de Vitória da Conquista

PCVC: Português Culto de Vitória da Conquista

DOC: Entrevistador

INF: Informante

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	18
1.1 Sociolinguística	18
1.2 Funcionalismo / Gramaticalização.....	21
2 DESCRIÇÃO DO VERBO <i>DAR</i>.....	26
2.1 Etimologia do verbo	26
2.2 Em algumas gramáticas	34
2.3 Trabalhos contemporâneos sobre o verbo <i>dar</i>	45
3 CLASSIFICAÇÃO VERBAL	53
3.1 Verbo Pleno	53
3.2 Verbosuporte.....	54
3.2.1 X- <i>ada</i>	55
3.3 Expressões idiomáticas.....	57
3.4 Transitividade	58
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	60
4.1 Descrição dos <i>corpora</i>	60
4.2 Coleta dos dados	60
4.3 Perfil dos informantes	61
4.4 Entrevista	62
4.5 Variáveis linguísticas.....	62
4.6 Variáveis extralinguísticas	63
5 ANÁLISE DOS DADOS	64
5.1 Resultados das variáveis linguísticas	64
5.1.1 Múltiplos sentidos do verbo <i>dar</i>	64
5.1.2 Continuum de gramaticalização do verbo <i>dar</i>.....	71
5.1.2.1 Verbo pleno	71
5.1.2.1.1 Verbo pleno abstrato.....	73
5.1.2.2 Verbo suporte	73
5.1.2.2.1 X – <i>ada</i>.....	81
5.1.2.3 Expressões idiomáticas.....	84
5.2 Resultado das variáveis extralinguísticas.....	87
5.2.1 Resultado da variável nível escolaridade.....	88

<i>5.2.2 Resultado da variável sexo</i>	89
<i>5.2.3 Resultado da variável faixa etária</i>	90
6 CONCLUSÕES	92
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

Ao considerar que o processo de variação na linguagem está relacionado a fatores sociais, percebemos que, naturalmente, a língua em uso tem-se afastado das normas prescritas pela Tradição Gramatical. Inovações surgem constantemente e novos conceitos, significados, palavras vão se formando. Nesse processo de variação/mudança linguística, notamos que os fenômenos da linguagem são muito mais complexos do que as regras estabelecidas e, assim, em uma perspectiva funcionalista, pode-se afirmar que velhas formas passam a ocupar novos sentidos diante de uma necessidade expressiva na interlocução.

O verbo *dar*, a rigor, apresenta, em diversos contextos de fala, um processo de ressemantização que contribui para o surgimento de novas categorias gramaticais com as quais este verbo se relaciona, configurando-se, assim, a sua polifuncionalidade. Conforme Salomão (1990), o verbo *dar* tem um sentido básico capaz de irradiar muitos outros. Sendo assim, por notar nas diversas mudanças operadas pelo verbo *dar*, que se desloca do seu sentido canônico, reconhecido pela norma culta, para outros significados, acreditamos que são necessários, portanto, estudos que contribuam para a compreensão de que os sentidos não se limitam a uma acepção conceitual ou àquilo que os dicionários validam como sendo a sua definição.

Essa reflexão nos leva às seguintes questões:(1) com qual configuração semântica, em termos de uso, processa-se a gramaticalização do verbo *dar* nas construções em análise?;(2) Quais relações de sentido são adquiridas quando esse verbo circula entre os falantes?;(3) Quais as motivações e as restrições que favorecem as alterações sofridas por esse verbo?

A interpretação das construções com o verbo *dar* remete à ideia de transferência, isto é, o responsável pela ação desloca algo para o paciente da ação. Dessa forma, o verbo *dar* é transitivo por excelência. Entretanto, partimos do pressuposto de que cada expressão adquire nuances de sentidos diferentes. O falante escolhe, geralmente, a estrutura com verbo suporte por favorecer significados especiais aos enunciados, surgindo, assim, maiores efeitos comunicativos. O *dar* junto com alguns nomes [$V_{(dar)} + SN$], por exemplo, é normalmente usado no lugar de um verbo pleno correspondente, substituindo-o, como ocorre em *emdar um beijo* no lugar de *beijar*, *dar uma mão* para *ajudar*, *dar um grito* substitui *gritar*. Essa categoria coloca em questão o princípio da economia linguística, visto que é possível encontrar na língua um verbo com o mesmo valor. Portanto, notamos que o uso dessas estruturas favorece significados especiais aos enunciados.

Ao lado disso, por uma perspectiva, em termos sociolinguísticos, averiguamos que o uso do verbo *dar* em seus múltiplos sentidos, nas mãos do informante, sofre variação de acordo com variáveis sociais, com nível de escolarização, sexo e faixa etária. Dessa forma, pensamos ser necessário observar as possibilidades de sentidos para além da língua como estrutura e estudar a dinamicidade da linguagem no seu funcionamento.

E, por outra perspectiva, em termos funcionalistas, podemos afirmar que o verbo *dar* deslocou-se da função canônica de verbo pleno, passando por transferência de algo mais concreto para mais abstrato, chegando a construções, consideradas por nós, como inovadoras, *dar x-ada*. Tendo em vista os trabalhos de Neves (1996), Maciel (2005) e Esteves (2008), registrados na literatura, objetivamos, como este estudo, guiados por essas duas perspectivas teóricas, investigar a multiplicidade de sentidos do verbo *dar*, na qual o sentido etimológico é ampliado e outros significados passam a ser atribuídos a esse verbo, para refletir se tais estruturas analisadas são portadoras de significado (+ lexical) ou representam ferramentas de construção de sentido (+ gramatical). Para isso, desenvolvemos uma descrição sobre o comportamento verbal *dodar* com base em dicionários da língua portuguesa; traçamos algumas considerações sobre o estudo da trajetória de gramaticalização do verbo *dar*; e, além disso, apontamos as categorias que afastam esse verbo do seu modelo prototípico, como verbo pleno, e o aproximam de construções inovadoras constituídas com verbo suporte ou integrando expressões já fixas na língua.

Com vistas a *dar contada* essa discussão, além desta parte introdutória, este trabalho está organizado da seguinte forma:

Na seção 1, *Pressupostos teóricos*, tratamos dos pressupostos da Sociolinguística e do Funcionalismo, com o propósito de situar a ancoragem teórica eleita por nós para analisar o fenômeno em estudo. Nessa seção, discutimos a variação e a mudança linguística a partir do diálogo com Hopper e Traugott (1993), Martelotta, Votre e Cezario (1996), Neves (2006), Labov (2008), Martelotta (2008).

Na seção 2, *Descrição do verbo dar*, apresentamos um percurso histórico do verbo *dar* desde a tradição latina ao português contemporâneo, buscando a compreensão da origem desse verbo e qual tem sido o reconhecimento dele nos compêndios da tradição gramatical. Para tanto, recorreremos a Bluteau (1728), Saraiva (1896), Aulete (1925), Fernandes (1979), Houaiss *et al* (2009), Aurélio (2010), Bechara (2009), Cunha (1986), Neves (2000), Castilho (2012) e Bagno (2012). Ademais, ainda na seção 2, destacamos como, nos trabalhos contemporâneos, tem sido estudado o verbo *dar*. Com esse propósito, estabelecemos um diálogo com Maciel (2005) e Esteves (2008).

Na seção 3, *Classificação verbal*, abordamos as categorias do verbo *dar*, como verbo pleno, verbo suporte e expressão idiomática, evidenciando, com essa abordagem, a multifuncionalidade do item em estudo na língua em uso, além disso, traçamos algumas considerações sobre a importância da transitividade para analisar o verbo *dar*.

Na seção 4, *Procedimentos metodológicos*, apresentamos a metodologia empregada para a realização desta pesquisa, o que inclui a descrição dos *corpora*¹, coleta dos dados, perfil dos informantes e variáveis linguísticas e extralinguísticas às quais os dados foram submetidos.

Na seção 5, apresentamos as discussões e resultados das análises linguísticas, a saber: (i) análise da transitividade do verbo *dar*; (ii) investigação do caráter polissêmico do *dar* e, ainda, (iii) descrição de um *continuum* de gramaticalização do verbo *dar*. E apresentamos as variáveis extralinguísticas: nível de escolaridade, sexo e faixa etária.

Por fim, apresentamos as conclusões na seção 6, onde retomamos, então, as questões que nos motivaram a realizar a pesquisa e as hipóteses iniciais, estabelecendo um diálogo com os resultados obtidos.

A importância desse trabalho justifica-se, sobretudo, no percurso histórico apresentado sobre verbo *dar* e nas discussões realizadas ao longo da dissertação, nas quais as múltiplas possibilidades de uso desse verbo são expostas, sistematizadas e evidenciadas nos *corpora* em análise.

¹ De responsabilidade da pesquisadora Dr^a Valéria Viana Sousa, com cadastro no Certificado de apresentação Apreciação Ética (CAAE), número 34221214.9.0000.00552.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para começarmos a discussão, optamos por, inicialmente, tratar dos pressupostos teóricos de duas teorias: a Sociolinguística e o Funcionalismo norte americano, focalizando, principalmente, nesta teoria, o processo de gramaticalização. Além disso, iniciamos o diálogo com o nosso objeto de estudo, o verbo *dar*.

1.1 Sociolinguística

A partir de Saussure, na segunda década do século XX, os estudos linguísticos passaram a ter um caráter mais sistemático e o objeto da Linguística passou a ser a língua considerada em si mesma e por si mesma. Essa ideia marcou o início da corrente denominada Estruturalismo. Para entender o objeto da Linguística, Saussure postulou algumas dicotomias,mas discutiremos apenas sobre duas, são elas:

Langue e parole, a dicotomia básica, fundada na oposição social/individual. A esse respeito, Saussure (2012) assevera que a *langue* (língua), de natureza homogênea e social, é um ‘tesouro’ depositado pela prática da fala nos indivíduos que pertencem à mesma comunidade, e *parole* (fala), ao contrário, de natureza heterogênea, é um ato individual de vontade do qual não se é possível a realização de um estudo sistemático, segundo essa corrente teórica.

Sincronia e diacronia: dois eixos pelos quais se pode estudar a língua. A sincronia estuda um momento histórico, nessa perspectiva, o linguista deve fazer um recorte na língua como se fosse um registro fotográfico, em que exclui a intervenção do tempo. Na diacronia, por outro lado, a língua é analisada por meio da evolução no tempo, como algo dinâmico. Embora tenha delimitado, por uma opção metodológica, os estudos realizados priorizando a língua e a sincronia, Saussure reconhece o caráter social da língua e a importância dos estudos diacrônicos.

Em 1950, com Noam Chomsky², os objetivos da Linguística estruturalista foram ratificados, pois, na teoria Gerativista, não foi considerada, mais uma vez, a influência da fala sobre a língua, que ainda era considerada de natureza homogênea. Com Chomsky e a escola gerativista, foi analisada com atenção a figura do falante ouvinte. A principal preocupação dessa corrente era como estudar a teoria da gramática universal pelo dispositivo mental inato.

² A obra intitulada Estruturas sintáticas, Noam Chomsky, publicada em 1957, foi um marco para o Gerativismo.

Mais uma vez, em função de escolhas metodológicas, a variação linguística não foi o alvo das discussões linguísticas.

Como reação a esse posicionamento, surge, na década de 1960, a Sociolinguística. Meillet (1965), discípulo de Saussure, inspirado no sociólogo Durkheim, já discorria em seus textos sobre o caráter social da língua. De acordo com Coelho *et alii* (2012), se, por um lado, Saussure elaborou um modelo abstrato da língua, por outro lado, Meillet (1965) explicava a estrutura linguística por meio de fatores históricos e sociais, ideias que foram retomadas décadas depois por Labov. Ainda segundo Coelho *et alii* (2012), Labov rompeu com a relação entre estrutura e sincronia de um lado e história evolutiva e diacronia de outro, aproximando os dois eixos às noções de estrutura e funcionamento da língua. Nessa perspectiva de estudo, o objeto da Sociolinguística é, então, a evolução linguística dentro do contexto social da comunidade de fala. Alkmim (2001) a esse respeito reforça que, na Sociolinguística, a compreensão é de que linguagem e sociedade estão ligados entre si, sendo essa relação a base da constituição do ser humano

Para a Sociolinguística, por considerar a variação como inerente ao sistema linguístico, a língua é heterogênea. Mas, apesar das diversidades, a variação pode ser sistematizada, pois ela não é aleatória, é organizada e condicionada por diversos fatores. Bagno (2007, p.42) exemplifica a heterogeneidade da língua utilizando casos variáveis de concordância nominal. Nos exemplos: (a) aquelas casinha amarelinha; (b) aquela casinhas amarelinha; (c) aquela casinhas amarelinhas, apenas a frase (a) ocorre no português brasileiro, ela é usada por grande parte dos brasileiros, incluindo os escolarizados, em situação de fala espontânea. Diante disso, é perceptível que existe uma regularidade por trás dessa construção, a saber: marcar o plural no primeiro elemento do sintagma. As construções em variações não comprometem o sistema da língua, pelo contrário, são ricas em significado social. Assim, a compreensão é a de que a heterogeneidade seja organizada e, dessa forma, não signifique a ausência de regras.

A variação deve ser investigada, portanto, a partir do pressuposto de que há uma ligação entre fatores linguísticos e sociais, fatores que, em essência, traduzem a Sociolinguística. Para fazer um trabalho de investigação da variação linguística, é necessário, primeiramente, coletar material na comunidade de fala e, após análises, demonstrar a regularidade na variação. Para auxiliar nessa pesquisa, os sociolinguistas selecionam um conjunto de fatores sociais que pode influenciar na variação, dentre os fatores, os mais relevantes para pesquisa são: *origem geográfica*, a fala possui características de determinada região, a língua varia de um lugar para o outro; *grau de escolaridade*, o letramento é um fator

que determina o conhecimento linguístico do sujeito; *faixa etária*, há uma diferença no modo de falar entre adolescentes e pessoas de gerações anteriores. Com esse conjunto de fatores, a língua pode ser estudada em uma comunidade específica, já que a mudança linguística ocorre no conjunto de indivíduos. Conforme Sousa (2008), “a estrutura linguística heterogênea é a tradução legítima da estrutura social heterogênea. Se a sociedade é dividida em classes, o estudo da estrutura da língua é estratificado, também, em fatores.” (p.56).

A descrição heterogênea da língua consegue se fortalecer por meio dos fenômenos de variação e mudança linguística. A variação é um fenômeno que ocorre em todos os níveis da língua: fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical. No nível fonológico, ditongos podem ser reduzidos, como em *peixe/pexe*; no morfológico, as formas *pegajoso* e *peguento* exibem sufixos diferentes para expressar a mesma palavra; na sintaxe, há variações na organização dos elementos de uma frase, por exemplo, *uma história que ninguém prevê o final* ou *uma história que ninguém prevê o final dela*; na semântica, a palavra pode mudar de significado a depender da origem do falante, como a palavra *vexame*, que pode significar vergonha ou pressa; no nível lexical, podem existir várias palavras para se referir à mesma coisa, é o caso de *aipim*, *mandioca*, *macaxeira*. (BAGNO, 2007, p.40)

Ademais, ainda sobre variação, há alguns tipos de variação linguística que podem resultar da influência de fatores extralinguísticos, são quatro modalidades: a *variação diatópica*, também conhecida por geográfica ou regional, é aquela em que se verifica a origem de uma pessoa por meio do modo de falar, como, por exemplo, região nordeste ou região sul, ou zona rural e urbana; a *variação diastrática* reflete diferentes características sociais do indivíduo, como nível socioeconômico, idade, profissão; a *variação diamésica* acontece pela comparação entre as modalidades da língua falada e da língua escrita; a *variação diafásica* é a estilística, aquela na qual é percebido que o falante faz uso diferenciado da língua a depender do contexto em que esteja; e, por fim, na *variação diacrônica*, a língua, por comparação entre diferentes etapas da história, sofre variação. É válido ressaltar que, quando uma forma em uso de um período substitui outra forma já existente, registra-se a mudança linguística.

Além da variação, como vimos na diacronia, interessa também à Sociolinguística o estudo da mudança. No entanto, é sabido que nem todo item que sofre variação passa por mudança, mas toda mudança na língua pressupõe variação. Isso quer dizer que quando duas formas coexistem, há variação, mas as duas variantes podem conviver ao longo do tempo sem que haja mudança, porém, quando há a consolidação de uma forma em detrimento do desaparecimento de outra, a mudança ocorre. Labov (2008), motivado em esclarecer o motivo pelo qual a mudança linguística acontece, propôs três aspectos para a compreensão da

mudança linguística: a origem da mudança, a propagação e a realização completa. Para o entendimento desses aspectos, Sousa (2008, p.57) utiliza como exemplo o pronome *vós*. Esse pronome era usado por portugueses como forma digna de tratar as pessoas, mas, com a necessidade de mudança de tratamento, tornou-se inevitável uma nova forma para se referir a figura real. Diante disso, a forma nominal *Vossa Mercê* começou a ser utilizada para se dirigir ao Rei; essa forma permaneceu durante o período de 1331 a 1482, a forma *vós* foi, portanto, substituída, o que levou a realização completa da mudança.

Diante desse breve caminho realizado, fica claro que, na Sociolinguística, há o estudo da língua em seu uso real, levando em consideração aspectos sociais e culturais da produção linguística. Desse modo, nessa corrente, está consolidado o objetivo de entender qual a importância dos fatores linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais) na motivação da variação linguística e como a mudança se configura na comunidade da fala.

Tendo em vista que a língua é um instrumento social de interação e tendo como principal função a comunicação/interação, após realizarmos um breve esboço sobre a Sociolinguística, apresentaremos a seguir uma discussão sobre os pressupostos funcionalistas que nos auxiliarão na análise do nosso objeto de estudo.

1.2 Funcionalismo / Gramaticalização

A história da humanidade é marcada por diferentes tipos de interesses e abordagens acerca do fenômeno da linguagem para tentar compreender o funcionamento da língua. Como entendemos a variação e a mudança como inerentes à língua e a concepção de língua como um instrumento de comunicação, optamos, então, por acrescentar à nossa fundamentação teórica a investigação à luz da teoria funcionalista.

Mais uma vez, devido à sua importância nos estudos linguísticos, recorremos a Saussure, para situar os estudos desenvolvidos no funcionalismo. No século XX, o aparecimento do *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure, influenciou os estudos linguísticos a ter uma nova orientação com relação ao enfoque e ao objeto de estudo da língua, como afirmamos anteriormente. A nova tendência, que se desenvolveu a partir da publicação do *Cours*, teve sua primeira expressão nos trabalhos do Círculo Linguístico de Praga, a partir de 1928. A corrente funcionalista surgiu dos trabalhos dos membros do Círculo, que viram, para além do conceito saussuriano, a função como um elemento essencial à linguagem.

As pesquisas sobre mudança linguística ganharam força nos Estados Unidos, a partir da década de 1970, quando os estudos se voltam à observação da língua por meio do contexto linguístico. Com o surgimento da linguística funcional, no Estruturalismo, passa a haver espaço, também, para uma concepção de língua mais dinâmica,

[...] segundo a qual a linguagem funciona como um elemento criador de significação dos diferentes contextos de uso. Assim, passa-se a observar não apenas a palavra ou a frase, mas o texto, o qual reflete um conjunto complexo de atividades comunicativas (MARTELOTTA, 2008, p. 77).

A partir do estudo da linguística funcional, a língua passa a ser observada, portanto, como reflexo do comportamento dos falantes em situação real de comunicação.

Os funcionalistas, então, consideram a função da forma linguística na comunicação, visto que a língua está sujeita às pressões advindas do uso, mas sem perder de vista a estrutura que advém da comunicação, pois a regularidade da estrutura é que possibilita fazer generalizações. Além disso, para os funcionalistas, a gramática não é concebida por fatores cognitivos inatos, como defendem os gerativistas, mas por padrões do uso, assim, surge o conceito de gramática emergente³. Nas palavras de Martelotta, Votre e Cezario (1996),

a gramaticalização é uma manifestação do aspecto não estático da gramática, uma vez que ela demonstra que as línguas estão em constante mudança em consequência de uma incessante busca de novas expressões e que, portanto, nunca estão definitivamente estruturadas. (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, sem página)

Algumas noções foram adotadas pelos funcionalistas, entre elas, podemos citar a iconicidade. A noção de iconicidade se baseia na ideia de que existe uma relação motivada entre os elementos da linguagem e os seus sentidos. Assim, a compreensão apresentada na teoria é de que o falante utilize material já existente na língua para formar novas palavras. Dessa forma, palavras velhas ressurgem com novas funções na língua em uso diante da necessidade de uma maior expressividade. Conforme Martelotta e Areas (2003), no campo da sintaxe, por exemplo, os funcionalistas consideram a motivação icônica quando há narração de sequências de ações, como *cheguei em casa, tomei um banho e fui dormir*. Explicam que, neste tipo, a ordem das cláusulas não é realizada de forma aleatória, mas de acordo com a ordem em que elas ocorrem. A essas tendências que refletem algum tipo de motivação, os funcionalistas chamam *iconicidade*.

³A gramática é vista como um fenômeno social que apreende o caráter provisório da língua, dessa forma, o processo de formação nunca está acabado, por isso a designação *gramática emergente*.

A dicotomia sincronia/diacronia é outro dogma⁴ Estruturalista que foi revisto pelo Funcionalismo. Para Saussure, a análise sincrônica e a análise diacrônica devem ser compreendidas como dois eixos separados que se restringem a seu domínio específico. Porém, pesquisas em gramaticalização têm demonstrado que os fenômenos linguísticos podem ser estudados em sua trajetória ao longo do tempo, assim como podem manter, ao longo da trajetória da língua, um conjunto de sentidos concorrentes. O verbo *dar*, por exemplo, teve o seu sentido de transferências ampliado ao longo do tempo, passando a significar também produzir >*o pé de manga dá frutos*; ensinar >*o professor dá aula*; e até o sentido de causa >*a espera me deu o nervoso*. As extensões de sentido do verbo *dar* ocorrem com a sua função semântica básica de transferência. Por esse motivo, os funcionalistas observam a mudança a partir de um ponto de vista panocrônico, sem estabelecer, assim, prioridades em uma ou em outra perspectiva, mas, antes, compreendendo na função das perspectivas uma ampliação do olhar sobre o fenômeno estudado.

Com a intenção de evidenciar a correlação entre língua e funcionamento, ressurgiu uma vertente nos estudos funcionalistas sobre mudança linguística: a gramaticalização. Segundo Neves (2006), a gramaticalização é

um processo que tem encontrado abrigo privilegiado no funcionalismo [...] porque reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se aplica pela interação entre motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele. (NEVES, 2006, p. 20)

Na verdade, conforme Neves (1997), os estudos acerca do processo de gramaticalização tiveram início na China, no século X, mas foi no século XX, com Meillet (1965), que ele foi definido pela primeira vez. O linguista conceituou gramaticalização como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma.

Esse processo não ocorre repentinamente, mas de forma gradual, a cada etapa, de maneira lenta, novas funções vão surgindo para determinada forma, por isso, muitas vezes, os falantes não percebem as mudanças na língua. No entanto, há um fator imprescindível para que isso ocorra: a frequência. Considerando as ideias funcionalistas que postulam mudanças na gramática como resultado do uso social, a repetição do uso é um mecanismo que contribui para a gramaticalização. Para Tavares (2003), quanto mais geral o significado de uma palavra, maior o número de contextos em que pode acontecer, isso torna maior sua recorrência e, dessa forma, aumenta a possibilidade de migrar para a gramática em diferentes construções. Ao lado

⁴Segundo Givón (1995), há três dogmas centrais da linguística estrutural: a arbitrariedade do signo linguístico, a distinção entre língua e parole e a divisão rígida entre sincronia e diacronia.

disso, a frequência de uso de um vocábulo e/ou expressão linguística acarreta, como consequência, perda de material fônico e desbotamento semântico.

A gramaticalização, do ponto de vista diacrônico, é tipicamente unidirecional, as transformações caminham do discurso para a gramática. A ideia de linearidade do processo de gramaticalização é defendido por Hopper e Traugott (1993), ela desenvolve-se sempre da esquerda para direita, sem a possibilidade do caminho inverso. No entanto, esse conceito vem sendo revisto por muitos funcionalistas. O verbo *dar*, por exemplo, já era empregado como expressões cristalizadas e como verbo suporte no português arcaico. As construções gramaticalizadas, assim, já eram utilizadas naquela época, nesse sentido, esse fenômeno pode ser pensado não apenas no eixo da unidirecionalidade. No entanto, no presente estudo, focalizamos a perspectiva da unidirecionalidade.

Neves (2006) ainda afirma que a característica essencial no processo de gramaticalização é a perda de complexidade semântica, liberdade sintática e de substância fônica, mas pode também ocorrer o ganho de significação morfossintática. Para exemplificar as mudanças que um item pode sofrer, observamos o estudo de Votre (2004). O autor realiza um estudo unidirecional sobre a trajetória de mudança sintático – semântica do verbo *achar*; o trabalho parte de sentidos mais concretos para mais abstratos. Na mudança fonológica para o verbo, constata-se, após o século VIII, com a utilização do <ch> *afflare* = *achar* que, no nível morfológico, ocorreram algumas mudanças na passagem do português arcaico para o contemporâneo, mas não modificaram o paradigma verbal. No latim, o verbo *achar* significava *soprar*, a evolução semântica pode ser explicada pelo fato de o vocabulário ter origem na linguagem dos caçadores, então, por esse motivo, *soprar* passou a significar *sentir a proximidade da caça pelo odor, farejar*, e em seguida, *descobrir, encontrar*, desse modo, *achar* pressupõe o resultado de quem procurou. Para além disso, o sentido de *achar* passa por transferência metafórica, do sentido de *achar algo no espaço físico* (+ concreto), para *achar algo no mundo das ideias* (+ abstrato). No nível sintático, no português arcaico, o verbo apresenta cláusula subordinada objetiva direta e ocorre também como infinitivo de outro verbo mais acusativo “[...] *acharem* morar em o êrmo, a qual é vida esterrada das cidades” (VOTRE, 2004, p.28).

Apesar das mudanças apresentadas, o verbo *achar* não pode ser considerado, do ponto de vista da decategorização (ou descategorização), como um item gramaticalizado, pois não houve passagem de um verbo na condição de pleno para um verbo na condição de auxiliar ou para qualquer outra classe mais gramatical. No entanto, ao observamos esse verbo por meio da abstratização e, conseqüente, ampliação semântica, percebemos que há diferentes sentidos

de *achar* coexistindo no português. O verbo *dar*, por outro lado, além de ser polissêmico, tendo sofrido uma visível ampliação semântica, pode atuar como pleno (ele *deu* uma bola para o menino) e como verbo suporte (é importante *dar* uma esquentada na relação). No último exemplo, não há uma ação que produz a transferência de algo, o *dar* produz uma situação. Ao pertencer a mais de uma categoria, podemos afirmar que o verbo *dar* está passando, indubitavelmente, por um processo de gramaticalização, tanto na categoria gramatical (morfossintática) como na categoria semântica.

Para verificar mudanças em um item lexical para gramatical ou menos gramatical para mais gramatical, por exemplo, é possível identificar estágios na gramaticalização. Heine et alii (1991) defendem a ideia de que a gramaticalização ocorre em um processo que provoca o deslizamento de um sentido concreto para abstrato, ou seja, ela se estabelece numa escala crescente de abstraticidade. Para Martelotta, Votre e Cezário (1996), a gramaticalização envolve quatro diferentes níveis: no **cognitivo**, por meio de processo de mudança metafórica, elementos passam de concreto para abstrato ou do léxico para gramática; no nível **pragmático**, o falante utiliza conceitos mais concretos e mais conhecidos de forma genérica para expressar ideias novas como o intuito de facilitar a comunicação; a **semântica** envolve o conhecimento dos interlocutores do significado prototípico das palavras, senão, o sentido novo pode não ser entendido; o nível **sintático** é responsável pelo caminho que a mudança seguirá.

Com relação a abstratização, podemos constatar que o verbo *dar* possui, inicialmente, um sentido mais concreto de doação, de transferência, de cessão de algo concreto e adquire o traço mais abstrato em construções como *dar informação*, já que o que será transferido não é um objeto concreto. O *dar* é usado, então, como suporte ao predicador, essa escolha reflete a busca por sentidos particulares, o que contribui para os novos sentidos atribuídos ao verbo, conforme os níveis previstos por Martelotta, Votre e Cezário (1996).

Como se vê, fica claro, então, que o essencial em um estudo funcionalista é verificar como acontece a interação em uma língua, reconhecendo que os itens linguísticos estão em constante reformulação por motivações internas e externas ao sistema linguístico.

Na seção seguinte, para melhor entender nosso objeto de estudo, buscamos traçar, primeiramente, um percurso histórico do verbo *dar* desde a tradição latina ao português contemporâneo.

2 DESCRIÇÃO DO VERBO *DAR*

Diante das mudanças operadas pelo verbo *dar* desde a sua origem, observamos como alguns dicionários da Língua Portuguesa abordam a categorização desse verbo. Para isso, escolhemos sete dicionários: Bluteau (1728) e Saraiva (1896), século XVIII e XIX; Caldas Aulete (1925) e Fernandes (1979), século XX; e, por fim, dois dicionários do século XXI, Houaiss *et al* (2009) e Aurélio (2010). Além dessas obras, utilizamos o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de autoria de Cunha (2010), por podermos, nessa obra, contar com a definição do verbo *dar* do latim. Ademais, pesquisamos, na próxima seção, o conceito de verbo e como o *dar* é tratado em gramáticas⁵ de orientação tradicional e descritiva.

2.1 Etimologia do verbo

Para analisar o verbo *dar*, entendemos como necessário, também, refletir sobre os sentidos que tal item acumulou desde a sua base histórica. Silva (2005), a esse respeito, afirma que, no latim clássico, o verbo *dar* havia se cristalizado como estruturas lexicais construídas de verbo mais nome [$V_{(dar)} + N$] quando essas expressavam um significado e podiam ser reduzidas a somente um item lexical. Por esse motivo, podemos afirmar que, desde o seu primórdio, esse item já estava presente na língua, atuando como pleno ou como auxiliar de construções complexas. Bluteau (1728) e Saraiva (1896) confirmam essa ideia.

A recolha do material para a composição do *Vocabulário português latino*, Rafael Bluteau, ocorreu por volta de 1680, os dez volumes do dicionário foram publicados entre 1712 e 1728. A obra de Bluteau foi a primeira a privilegiar o português e, nela, além de encontrar definições em português, ao final, há a tradução em latim. Seguindo essa estrutura é que o lexicógrafo classifica o verbo *dar* que, para ele, significa *DAR* alguma coisa a alguém. *Aliquid aliquid dare. Aliquem aliquid donare, ou impertire. Aliquid aliquid prebere, tribuere, ou largire*, (BLUTEAU, 1728, p.10) que quer dizer algo para *dar*, oferecer, emprestar ou conceder a alguém. Essa acepção aproxima-se do significado proposto por dicionários contemporâneos do português brasileiro, como em Ferreira (2010)⁶ e Houaiss *et al* (2009), que classificam o verbo *dar* com o sentido principal de doação e de transferência. O *dar* também é entendido, no dicionário em questão, como *produzir*, acepção que pode ser explicada em *a oliveira não dá todos os anos* (BLUTEAU, 1728, p.11). Nesse uso registrado, já podemos

⁵Bechara (2009), Cunha (1986), Neves (2000), Castilho (2012) e Bagno (2012).

⁶Por questões acadêmicas, somos obrigados a referenciar o autor como Ferreira; no entanto, ele é mais conhecido por Aurélio, tendo até sido criada metonímia, o Aurélio, isto é, o dicionário de Aurélio, para se referir à obra.

observar que essa acepção se afasta do sentido básico de transferência do verbo. Após o registro do verbodar como *produzir*, Bluteau (1728) apresenta expressões nas quais já são possíveis perceber os diversos sentidos atribuídos ao verbo *dar*. A construção *dar ordem*, por exemplo, muito utilizado atualmente e, portanto, já cristalizada na língua, é apresentada na obra com o sentido de ordenar, *dá ordem a um de seus amigos*. *Dar nos olhos a luz* significa, por sua vez, cegar, cegar com o resplendor. Para exemplificar, Bluteau (1728) utiliza um trecho do sermão do Padre Antônio Vieira, *a luz manifesta da divindade, a um homem deu olhos e aos outros deu nos olhos* (BLUTEAU, 1728, p.11). Nesse exemplo, o *dar* possui dois sentidos, o primeiro, *a um homem deu olhos*, há um valor de transferência, mesmo que em nível baixo, pois o homem de quem se fala recebeu a graça de enxergar; no segundo, *e aos outros deu nos olhos*, não existem a transferência de algo, o *dar* indica que os olhos foram feridos, uma doença. Seguindo este raciocínio, de acordo com Bluteau (1728), *dar em alguém* quer dizer ferir, já a construção *dar a mão ajudando* significa ajudar. Há, ainda, no dicionário, algumas expressões familiares na atualidade, como é o caso de *dar em todos* que pode ser substituído por dizer mal de todos. Hoje, é comum ouvir *dar na vida dos outros*; e *esta rua vai dar na praça*, o *dar*, aqui, significando uma extensão a *caminho*, estrutura muito utilizada atualmente na linguagem coloquial.

Cunha (2010), em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, descreve o verbo *dar* do latim,

dãre dação. Do lar.datio~onis dativa XIII. Do lat. med. dat~iva, fem. Substantivado de datus. Do lat.datus, part.pass de dãre dador adj liberal XIV. Do lat. Dator~orisdativo. sm.(Gram) latdativus (casus) dativo adj 'nomeado por magistrado e não por lei' XV. Do lat. Dativus 'que é dado'. (CUNHA, 2010, p.199)

No Latim Clássico, além do sentido de doação, o verbo *dar* já era utilizado como formador de expressões, integrando estruturas lexicais construídas de verbo + nome. Em Saraiva (1896), o verbo *dar* já apresenta grande extensão de sentido, primeiramente, no dicionário etimológico, há o *dar* como presentear, ceder, oferecer, causar, grangear, agenciar, definição muito próxima com o sentido estabelecido por Bluteau (1728) de dar alguma coisa a alguém. Em seguida, são apresentadas catorze frases diversas e, nelas, já é possível notar o esvaziamento semântico do verbo *dar*. Na primeira e sétima frases, a saber, *dare dona*> dar presentes; *dantearbutasilve*> as florestas dão medronhos, o *dar* possui o sentido prototípico de fornecer, já na quarta frase, *daremanumalicui*> dar uma mão a alguém, o verbo *dar* não pode mais ser considerado em seu sentido pleno, pois o que será transferido não é um objeto concreto, a expressão *dar a mão* significa ajudar/dar ajuda, portanto, o verbo possui um valor

transferencial metafórico. O mesmo acontece na oitava e nona frase: *daregemitum*, dar gemido/a trombeta dá o sinal; *daredicta*, dar declarações. Sinal e declarações são os objetos transferidos. O uso mais gramaticalizado foi encontrado na décima terceira frase, *da hoc patrice*, que quer dizer *dá a este país*, esse exemplo pode ser entendido como uma transferência metafórica, isto é, fazer alguma coisa em favor da pátria.

No dicionário português Caldas Aulete (1925), primeiramente, é apresentada a definição do verbo *dar* como transferir ou ceder gratuitamente. Ademais, o autor afirma que esse verbo possui um emprego muito geral. O lexicógrafo expõe, então, algumas observações sobre o comportamento do verbo:

O verbo *dar* junto com alguns nomes tem um emprego muito geral em substituição dos verbos derivados desses nomes ou de que esses nomes derivam; assim: *Dar a benção*, abençoar; *dar um passeio*, passear; *dar entrega*, entregar; *dar fundo*, fundear; *dar motivo*, motivar; *dar cumprimento*, cumprir; *dar combate*, combater; *dar testemunho*, testemunhar; *dar escândalo*, escandalizar; *dar credito*, acreditar; [...] *dar batalha*, batalhar; etc.; e, por analogia, por outros nomes que não têm verbos cognato, como: dar um nó, atar; dar passos, andar; etc. (CALDAS AULETE, 1925, p. 1052)

Assim, podemos considerar essa interpretação de acordo com a tese de que o verbo *darnão* atua, nesses casos, em seu sentido pleno, mas como verbo auxiliar do elemento que o acompanha.

Caldas Aulete (1925) ainda comenta sobre a importância da junção de preposições ao verbo *dar*. Com o verbo no infinitivo predicado das preposições *a*, *de* ou da conjunção *que*, pode representar uma acepção geral de apresentar ou oferecer, como em: *dar a entender*, *dar de cear*. Com a preposição *a* ou *em*, esse verbo serve de auxiliar a outro “dando –lhes uma significação incoativa”. É o caso de: *dar à língua*, *dar em cheio*, *dar vela ao vento*. (CALDAS AULETE, 1925, p.1052) Mesmo sendo lançado no início do século XX, Caldas Aulete (1925) trata de vários conceitos referentes ao verbo *dar* que ainda estão em uso na língua nos dias atuais. O autor mostra, por exemplo, construções com verbo suporte não lexicalizado, como em *dar uma notícia*, e com o verbo lexicalizado, *dar lugar*⁷.

Analisamos as expressões idiomáticas presentes no *Dicionário de verbos e regimes*, Francisco Fernandes (1979), de forma mais detalhada, por entender que essas expressões retratam traços culturais de uma determinada época e tendem a se perpetuar ao longo de gerações e a se cristalizar na língua, o que nos ajudará a compreender o comportamento atual do verbo em análise. Em todas as ocorrências encontradas com o verbo *dar* no dicionário

⁷ Essas categorias serão apresentadas na subseção *Continuum de gramaticalização do verbo dar*.

de Fernandes (1979), foram identificados o autor/país e o século de cada exemplo. No total, foram registradas 42 ocorrências entre os séculos IV e XX, usadas por 13 autores, com exceção das expressões idiomáticas que apresentam abonações, conforme apresentamos no quadro 1.

Dicionário de Verbos e Regimes	Nº de ocorrências encontradas	Século	
País/Autores			
Brasil: Machado de Assis, Figueiredo, M. Maciel, José L. Rego, Cândido Jucá	12	XIX	02
		XX	10
Portugal: M. Barreto, Herculano, Camões, Camilo Castelo Branco, Cândido, Castilho	18	XVIII	01
		XIX	17
Roma Antiga: Constâncio	05	IV	
França: Pierre Séguier	07	XVII	

Quadro 1: Autores utilizados no *Dicionário de verbos e regimes*.
Fonte: elaboração própria

Fernandes (1979) utiliza exemplos desde o século IV. Neste período, o verbo *dar* já era utilizado como causa em exemplos do tipo “a mulher dá ciúmes ao marido” (CONSTÂNCIO, p.179) ou como condição física, “passar de saúde: *dou-me* bem neste ou com este clima”. Podemos verificar, que, já no século IV, o verbo *dar* não era usado apenas em seu sentido pleno. Nas obras de Machado de Assis, *Esau e Jacó* e *Casa Velha*, o escritor utiliza o *dar* com o significado de transferir, mas, vale salientar que o objeto a ser transferido possui um traço mais abstrato, assim, o verbo não pode ser considerado em seu modelo prototípico. Fernandes (1979) indica esses exemplos como: expressar, significar >...*acabou sorrindo e dando-lhe parabéns* (M. Assis, *Esau*, 24) e publicar > *ouvira falar no caso que os jornais deram sem grande minúcia* (M. Assis, *C. Velha*, 84). Esteves (2008), por sua vez, nomeia essa categoria como *verbo predicador não pleno*.

Além disso, em seu dicionário, Fernandes (1979) utiliza duas construções para exemplificar a extensão de sentido *bater*: “se ele imaginasse que a mãe fechava os olhos às toleimas da moça, então com certeza *lhe dava*” (Camilo, *Novelas II*, 127) // *Bater*: “o chaveiro inimigo de cães, *deu-lhe* com a pesada chave na cabeça” (Camilo, *Memoriado Cárcere*, I, 75). Os dois exemplos foram extraídos das obras de Camilo Castelo Branco, o

primeiro em 1876, o segundo exemplo em 1862. Nos dois exemplos, o verbo *dar* substitui o verbo *bater*, temos, assim, o *dar* e o *bater* como camadas na língua para um mesmo significado. Fernandes (1979) também apresentou dois exemplos para o sentido *dar esmola*: “o prazer de dar é muito maior que o de receber” (Camilo, *Novelas*, II, 171) // “Quem dá aos pobres empresta a Deus” (Provérbio).

Outra questão a ser observada é que o verbo *dar* não é usado em seu sentido canônico em todas as expressões idiomáticas. Em algumas expressões, existe algum nível de transferência, mas o objeto a ser transferido possui o traço mais abstrato. Esteves (2008) analisa as expressões presentes no *Dicionário de verbos e regimes*, e argumenta

Em Fernandes (1998), a construção “*dar liberdade*” é considerada expressão idiomática. No entanto, não há grau algum de lexicalização nessa estrutura, uma vez que o significado da unidade verbo-nominal pode ser depreendido de ambos constituintes. Ademais, tais lexicógrafos consideram como expressões idiomáticas tanto construções com grau intermediário de lexicalização (*dar parte* – denunciar e *dar salto* – saltar) quanto perífrases em que o grau de lexicalização é maior (*dar conta* e *dar cabo*). (ESTEVES, 2008, p. 43)

Deste modo, notamos que não existe um padrão entre as orações e, ainda, valendo-nos de Esteves (2008, p.38), afirmamos que não existe um consenso em relação ao que é uma expressão idiomática, “pois há construções *dar + SN* tratadas em qualquer obra como idiomáticas e há outras que, a depender do dicionário, ora são consideradas acepções do verbo *predicador dar*, ora são interpretadas como estabilizadas idiomáticamente”.

Além disso, no dicionário em questão, é possível encontrar o verbo *dar* atuando como verbo suporte em muitas orações, como: *dar motivo a* para motivar; *dar fraqueza*, enfraquecer; *dar pancadas* que pode ser substituído por espancar. No entanto, não podemos considerar que todos os predicadores, cognatos com SN, apresentem apenas um sentido básico, visto que há expressões como *dá impressão* que não apresentam o mesmo significado básico da forma verbal *imprimir*. Fernandes (1979), também, traz expressões desse tipo, nas quais não equivalem à forma verbal, como *dar força*, garantir com autoridade o procedimento de; ou *dar gosto a*, que equivale a fazer a vontade.

Observando como alguns dicionários contemporâneos da Língua Portuguesa lidam com a categorização do verbo *dar*, constatamos que Houaiss *et al* (2009) apresentam-no como verbo suporte⁸ e como um elemento de categoria mais geral, levando em consideração

⁸Houaiss *et al* (2009) afirmam que o verbo *dar* atua como verbo-suporte quando constitui, com o substantivo, um todo semântico, como em *dar beijo* para *beijar*. O *dar* pode atuar como um elemento vazio semanticamente ou pode possuir, dependendo do caso, algum valor semântico.

diferenças do comportamento léxico gramatical. Nesse dicionário, é possível encontrar algumas explicações gramaticais.

em algumas acepções, *dar* funciona como *verbo pleno*, com seu próprio significado (p.ex., *dar um documento a um funcionário* = passá-lo às suas mãos); enquanto em inúmeras outras, faz de verbo-suporte, constituindo, com o substantivo (que na gramática tradicional é seu objeto direto), um todo semântico (p.ex., *dar um abraço* = abraçar). (HOUAISS *et al*, 2009, p. 596).

De início, os autores afirmam que esse verbo funciona, em algumas acepções, como algo que se desfruta ou que se está em posse, algo que torna disponível, que dá origem (vida), que designa, que provoca alguma sensação, que executa ou pratica, que pode permitir. Percebemos que essas acepções preservam, mesmo que em partes, o seu significado original de oferecer, doar⁹. Em seguida, os autores apresentam outras definições para o verbo *dar*, como: sacrificar a si mesmo, o tempo, energia ou atenção; conceder por privilégio, que pode representar um significado diferente do original. Além disso, as definições do verbo *dar* como: ser noticiado ou apresentado, assistir a, receber, sofrer um acidente ou infestar-se por uma praga, são, segundo Houaiss *et al* (2009), exemplos de verbo-suporte que diferem do seu sentido pleno. A título de exemplo trazem, (1) *dar na televisão* significa ser nela noticiado, (2) *dar aula* equivale a receber aula (HOUAISS *et al*, 2009, p. 596). Dessa forma, o sujeito sofre a ação em vez de provocá-la, negando o sentido prototípico de transferência do verbo *dar*.

Ferreira (2010) lista mais de cem sentidos para o verbo *dar*, mas, primeiramente, apresenta o sentido básico do verbo, que seria doar, presentear, ceder. Em muitos exemplos utilizados nesse dicionário, podemos substituir a construção destacada por um verbo de sentido pleno, é o que acontece em *dar instruções* > instruir; *dar ordens* > ordenar > *dar gritos* > gritar; *dar castigo* > castigar; *dar amor* > amar; *dar cuidados* > cuidar. Apesar de não trazer contribuições gramaticais, o lexicógrafo demonstra a manifestação do verbo *dar* como suporte, tal qual ocorre com verbos auxiliares. Além dessas acepções, o *dar* também é abordado com o sentido de produzir, assim como classificou Bluteau (1728) em *o pomar dá muitos frutos*, Ferreira (2010), ainda, utiliza outros sentidos semelhantes a produzir, como *só o trabalho dá a verdadeira alegria, a fonte dá muita água, fruteiras quase no ponto de dar, mangueirinha com flores*. (FERREIRA, 2010, p. 637)

De acordo com o dicionário em questão, o *dar* pode significar, curiosamente, fazer doação, ou vender, ou ainda, vender muito barato, ou mesmo pagar. São sentidos facilmente diferenciados com os exemplos: (1) *deu a casa ao filho* > sentido doação; (2) *só dou a*

⁹Bluteau (1728), Caldas Aulete (1925), Houaiss *et al* (2009), Aurélio (2010) classificam o verbo *dar* com o sentido de doação.

propriedade por muito dinheiro>sentido vender; (3)*é um louco, deu a casa ao primeiro comprador*> sentido vender por pouco dinheiro; (4) *dei 60 reais por esse livro*> sentido pagar.

O verbo *dar*, para Ferreira (2010), também pode substituir o verbo bater, como em *deu no filhinho por uma tolice*, conforme registrado em Bluteau (1728), que utiliza a expressão *dar em alguém* para se referir a bater em alguém. Além de bater com o sentido de ferir, o *dar* também pode substituir esse verbo com o sentido de soar, por exemplo, *ouvi o relógio dar as onze horas*. Houaiss *et al* (2009), como já destacamos, também apresentam essa classificação. Para finalizar, Ferreira (2010) destaca algumas expressões com o *dar* muito utilizadas na língua, como *dar certo* para ter bom resultado; *dar para trás*, que quer dizer retroceder; *dar uma dentro* pode ser parafraseado por fazer algo bom; *não dar nada por alguém* equivale a dizer que determinada pessoa não merece consideração.

Diante dessas acepções descritas do verbo *dar* na presente subseção, elaboramos um quadro resumitivo dos sentidos encontrados para uma melhor visualização do que foi exposto.

Bluteau (1728)	Saraiva (1896)	Caldas Aulete (1925)	Fernandes (1979)	Houaiss <i>et al</i> (2009)	Ferreira (2010)
<i>Dar</i> : oferecer, emprestar ou conceder algo a alguém	<i>Dar</i> : presentear, ceder, oferecer, causar, grangear, agenciar	<i>Dar</i> : transferir ou ceder gratuitamente a propriedade de	<i>Dar</i> : fazer doação de, ceder gratuitamente, fazer presente de.	<i>Dar</i> : ceder, entregar, oferecer, sem pedir contrapartida	<i>Dar</i> : ceder, presentear, doar.
Expressões: <i>dar ordem</i> : ordenar; <i>dar em alguém</i> : ferir; <i>dar a mão ajudando</i> : ajudar; <i>dar em todos</i> : dizer mal de todos.	Expressões: <i>Dare manus</i> <i>licui</i> , <i>dar</i> uma mão a alguém; <i>dare gemitum</i> , <i>dar</i> gemido; <i>dare dicta</i> , <i>dar</i> declarações; <i>dare fabulam</i> , <i>dar</i> à história	Verbo <i>Dar</i> com um emprego mais geral: <i>Dar a benção</i> , abençoar; <i>dar um passeio</i> , passear; <i>dar fundo</i> , fundear	Expressões idiomáticas: <i>Dar à estampa</i> , imprimir; <i>dar água pela barba</i> , ser trabalhoso; <i>dar de queixo</i> , comer.	Verbo-suporte, constituindo, com o substantivo um todo semântico: <i>dar um abraço</i> : abraçar	Expressões: <i>Dar certo</i> : ter bom resultado. <i>Dar o que falar</i> : dar motivo a comentários; <i>não se dar por achado</i> : não dar demonstração de.

Não faz distinção entre verbo pleno e verbo suporte	Não faz distinção entre verbo pleno e verbo suporte	Verbo não lexicalizado: <i>Dar uma notícia.</i>	Não faz distinção entre verbo pleno e verbo suporte	Verbo pleno: Dar um documento a um funcionário. Verbo suporte que se difere de seu sentido pleno: <i>Dar na televisão</i> é ser nela noticiado.	Não faz distinção entre verbo pleno e verbo suporte
---	---	---	---	---	---

Quadro 2: Resumo dos dicionários pesquisados.
Fonte: elaboração própria

Como vimos, nos séculos XVIII e XIX, Bluteau (1728) e Saraiva (1896) já notam as extensões de sentido do verbo *dar*. No século XX, Caldas Aulete (1925), após definir a noção de *dar*, afirma que o verbo possui um emprego muito geral e demonstra perceber o esvaziamento semântico desse. No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o único no qual estão apresentados alguns esclarecimentos gramaticais, primeiramente o autor afirma que, em algumas concepções, o verbo *dar* atua como verbo pleno, quando um objeto é transferido para alguém. Em seguida, os lexicógrafos explicam que tal item também pode ser considerado verbo suporte, ademais, Houaiss et al (2009) desenvolvem a ideia de sujeito experienciador, afirmam que o sujeito sofre a ação em vez de provocá-la; nesse caso, não existe mais a noção de transferência. Em Ferreira (2010), não encontramos considerações sobre as categorias em que o *dar* pode atuar; destacam-se, nessa obra, com relação ao *dar*, as expressões que já foram cristalizadas na língua. Observamos, a partir das descrições realizadas nos dicionários, que, do ponto de vista morfosintático, observando o princípio da decategorização, apenas, no dicionário Houaiss et al (2009), é citado, de fato, a possibilidade do *dar* poder pertencer a categoria de verbo suporte. Conforme mencionamos nas demais obras analisadas, o *dar* é somente apresentado como um elemento de categoria mais geral de verbo.

Com base nas extensões de sentido dos dicionários pesquisados e das construções com o verbo *dar* nos *corpora*, ousamos antecipar as variações de sentidos mais produtivas nos *corpora*, a saber:

- ✓ Dar é fornecer

- ✓ Dar é ensinar
- ✓ Dar é bater
- ✓ Dar é produzir
- ✓ Dar é causar
- ✓ Dar é combinar
- ✓ Dar é soar
- ✓ Dar é possibilidade

Nesse sentido, a partir da exposição realizada, podemos asseverar que a expansão de sentido do *dar* não é algo recente. Percebemos, então, que, no português contemporâneo, o verbo *dar* ainda é usado com os mesmos sentidos apresentados por Bluteau (1728), há quase três séculos.

2.2 Em algumas gramáticas

Para melhor entender o verbo *dar*, investigamos, também, como, em algumas gramáticas, estão expostas as possíveis variações do verbo. Em todas as obras pesquisadas, mostramos como o verbo, com enfoque no *dar*, é abordado. Escolhemos iniciar pelos trabalhos de Cunha (1986), Bechara (2009), pois são gramáticas tradicionais de referênciano português brasileiro. Em seguida, descrevemos as modernas propostas de Camara Jr (2000). Logo após, buscamos mostrar como Neves (2000), Castilho (2012) e Bagno (2012) classificam o verbo em estudo.

Bechara (2009) define verbo como uma unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual é possível organizar o falar. O gramático discorre sobre locução, que, segundo ele, é a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou com o verbo principal. O auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal. Em seguida, Bechara (2009) exemplifica as várias aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa. O verbo *dar*, contudo, não aparece nas considerações do autor. Os verbos *ser*, *estar*, *ficar* são utilizados para exemplificar as aplicações na língua moderna, combinando-se com o particípio do verbo principal para construírem a voz passiva, como em *está prejudicada*. O gramático faz, ainda, referência aos verbos que determinam com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal são denominados de *auxiliares acurativos*. Esses verbos não se acham definidos na divisão geral de tempo presente passado e futuro e se combinam com o infinitivo ou o gerúndio do verbo principal, é o caso de *começar a escrever*

para início de ação; *estar para escrever* reminência de ação; *continua escrevendo* para continuidade e *estar a escrever* determina o desenvolvimento gradual da ação. Apesar de o autor não exemplificar as categorias com o *dar*, esse verbo pode ser enquadrado na categoria de auxiliar acurativo em construções do tipo *dar de comer* para início da ação; *vou dar uma saída* pode ser enquadrada em iminência de ação; *segue dando aula* pode indicar continuidade; e *dá pra escrever* pode ser utilizado para desenvolvimento ou desencadeamento inicial de uma ação. Já na condição de auxiliar modal, o *dar* pode ser enquadrado com a expressão *dá pra roubar*, pois indica a possibilidade de realizar a ação.

De acordo com Bechara (2009), para estudar os verbos, principalmente os irregulares, é vantajoso conhecer as formas verbais que se derivam de outras chamadas primitivas, o verbo *dar* é uma das exceções desse caso, visto que sua forma primitiva *dar* transforma-se em *dou* no presente do indicativo e *dê* para o presente do subjuntivo. Por fim, o autor apresenta as conjugações dos verbos regulares e irregulares.

Cunha (1986), em *Gramática da Língua Portuguesa*, define verbo como uma palavra de forma variável que exprime o que se passa. Após discorrer sobre as flexões do verbo, o autor observa as suas funções, que podem ser principal ou auxiliar. Para ele, “auxiliar é aquele que, desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que apresentam matizes significativas particulares” (CUNHA, 1986, p. 371). Cunha (1986) destaca os auxiliares mais frequentes e apresenta, por sua vez, *ter*, *haver* e *estar*, que segundo ele, possuem esse papel quando acompanham uma forma nominal de outro verbo, constituindo com ela um todo significativo. Nesse ponto, Cunha (1986) exemplifica os verbos auxiliares com *ir*, *vir*, *andar* e, além disso, destaca que não há uma uniformidade de critérios linguísticos para determinar o elenco de verbos auxiliares, isso pode variar de gramática para gramática. O que nos permite inferir que o verbo *dar*, em tais condições, estaria licenciado, na língua portuguesa, para agir como um auxiliar em construções do tipo *dar um abraço*, *dar um beijo*.

Camara Jr (2000), em *Estrutura da Língua Portuguesa*, traz um olhar estruturalista ao descrever o padrão geral dos verbos em português. Para o linguista, os vocábulos formais do português se agrupam em quatro classes: nome, verbo, pronome e conectivo. O verbo distingue-se, nessa divisão, pelo paradigma flexional em que se enquadra, pois apresenta variação de tempo, modo, pessoa e número. Nesse sentido, o estudo semântico referente ao verbo português, de acordo com Camara Jr (2000), é complexo e, provavelmente, evidencia a incapacidade dos métodos da gramática tradicional para fazer uma interpretação adequada do sistema gramatical português.

Em relação ao tempo verbal e ao modo, Camara Jr (2000) afirma que o tempo se refere ao momento da ocorrência do processo, o modo, por sua vez, se refere a um julgamento implícito do falante a respeito da natureza da comunicação que faz. Dentro desses critérios, podemos destacar a oposição dos modos em português. O subjuntivo, assim como o imperativo, aponta uma tomada de posição subjetiva do falante em relação ao processo verbal comunicado, por exemplo, *suponho que é verdade*. O indicativo, por outro lado, não possui uma tomada de posição subjetiva como o subjuntivo, mas pode apresentar uma subordinação sintática, como ocorre em *suponho que seja verdade*. (CAMARA JR, 2000, p. 99)

Em seguida, Camara Jr (2000) considera a noção gramatical de tempo desdobrado no plano do modo indicativo dividido em dois sistemas verbais. O primeiro sistema é o mais usual da língua oral, ele opõe apenas o presente e o pretérito. O presente, em face do pretérito, expressa presente, futuro ou um tempo indefinido, como em *parto amanhã ou daqui a três dias*. O pretérito, por seu turno, apresenta duas divisões: a) o pretérito mais que perfeito pode trazer a assinalização de um pretérito anterior a outro dentro da noção de tempo; b) ou opõe dois conjuntos de formas verbais: um que assinala o processo imperfeito; outro que é indiferente a essa assinalização, chamado perfeito. Nas palavras de Camara Jr (2000, p.100), *eu já partia quando ele entrou* exemplifica o pretérito imperfeito, o pretérito mais que perfeito é exemplificado por *eu já partira (ou tinha partido) quando ele chegou*.

No segundo sistema se sobrepõe à oposição presente/pretérito a noção de futuro. Dessa forma, o futuro do presente acarreta a assinalização do futuro para um presente indefinido, é o caso de *parto agora para partirei amanhã*. O futuro do pretérito é usado com menor frequência, ele assinala um pretérito posterior a um momento passado.

Para resumir o que foi discutido até aqui, criamos um quadro dos tempos no modo subjuntivo, conforme Camara Jr (2000)

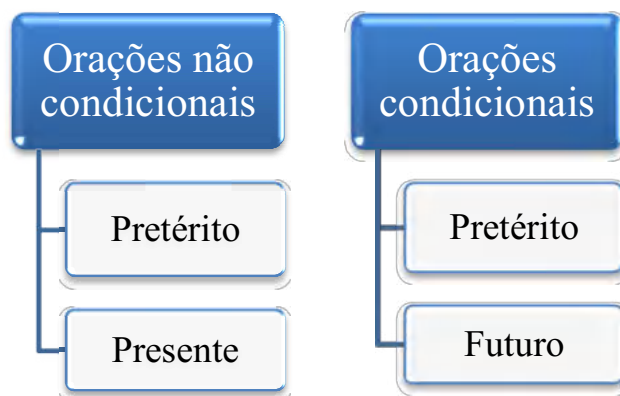


Figura 1: Tempos no modo subjuntivo
Fonte: Camara Jr (2000, p.102).

Sobre o infinitivo, Camara Jr (2000) afirma que essa é a forma mais indefinida do verbo, ao ponto de ser citado como o nome do verbo, sem implicações das noções gramaticais de tempo, aspecto ou modo. Já o gerúndio, para o autor, corresponde a um processo inconcluso, isto é, imperfeito, ao passo que o particípio é conclusivo ou perfeito.

Com o objetivo de servir, com este estudo, à gramática escolar conservadora da língua, Camara Jr (2000) descreve a tonicidade que incide da vogal temática nos verbos portugueses. O autor, então, apresenta uma fórmula geral da estrutura do vocábulo verbal português: T (R+ VT) SF (SMT + SNP), em que o tema é constituído do radical e da vogal temática, ainda, ao tema, se adicionam o sufixo modo-temporal e o sufixo número-temporal que se aglutinam ao sufixo flexional, desse modo temos:

$$T_{(\text{tema})} (R_{(\text{radical})} + VT_{(\text{vogal temática})}) SF_{(\text{sufixo flexional})} (SMT_{(\text{sufixo modo-temporal})} + SNP_{(\text{sufixo número-temporal})})$$

Com base no modelo proposto por Camara Jr (2000), podemos analisar a forma verbal *estudássemos*, em que *estuda* é o tema, *stud* o radical, *-aa* vogal temática, *-sse* o sufixo modo-temporal e *-mos* o sufixo número-temporal.

Sobre os verbos regulares, com relação à flexão verbal, o autor propõe que as formas verbais se constituem de quatro morfemas, a saber: radical, vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal. Camara Jr (2000) também explica os casos de flexão: na flexão de gênero, temos o tema/radical acrescido de *-a*; na flexão de número, ao tema é acrescido a desinência *-s*. Dessa forma, ocorre as divisões binárias: tema (+ *-s*), num primeiro momento; radical (+ vogal temática nominal), num segundo.

O verbo irregular, por sua vez, deve ser entendido, conforme Camara Jr (2000), como um desvio do padrão formal morfológico que não deixa de ser regular. De início, a irregularidade pode ser causada pelo sufixo flexional, mas a mudança do radical é mais relevante, pois passa a contribuir para as noções gramaticais de modo-tempo e número-pessoa. Assim, a mudança no radical é a mais importante, visto que cria uma série de padrões morfológicos verbais. Em alguns casos, a diferença entre os radicais acontece por uma simples mudança de tema, como ocorre com os verbos *dar* e *vir*, temos: /dê/ em oposição a /da/ de *dar*, deste: *eu dei, ele deu*; /vi/ em oposição a /vê/ de *ver*, como em *eu vi, ele viu*.

Com relação aos casos aqui examinados, notamos que o Camara Jr (2000) apresenta modernas propostas de classificação verbal que se distanciam dos modelos propostos pela gramática tradicional.

Recorremos, ainda, a *Gramática de usos do português*, um dos livros de maior referência para a reflexão a respeito da língua portuguesa em uso. Ao contrário das obras tradicionais, que prezam pela aprendizagem da norma culta, nesse trabalho, estão abordadas as utilizações mais práticas e usuais de expressões idiomáticas e verbos.

Ao tratar dos verbos, Neves (2000) afirma que eles formam, em geral, os predicados das orações. A construção de uma oração necessita, primeiramente, de um predicado, representado pela categoria verbal ou pela categoria adjetivo, constituindo um verbo de ligação. No entanto, os verbos que modalizam, os que indicam aspecto e auxiliam a indicação de tempo e de voz não constituem predicadores.

Para classificar os verbos que constituem predicadores, Neves (2000) aponta três classes principais: dois dinâmicos e um não-dinâmico. A classe dinâmico se divide entre (1) *ações* ou *atividades* (*o sambista batucava uma caixa de fósforo marcando o ritmo [...]*), representando o que alguém fez, e (2) *processos* (*o Alferes não morreu, nem mesmo doeu*), o que acontece. Os verbos *não-dinâmicos* são acompanhados por um sintagma nominal que é suporte do *estado*, é o caso de *Gumercindo permaneceu parado* (NEVES, 2000, p.26). Se pensarmos nessa classificação dicotômica para o verbo *dar*, podemos classificá-lo como dinâmico para ações ou atividades em ocorrências com o verbo pleno, como *o vendedor deu um doce para o menino*, ou como processo representando o que aconteceu, como *em meu pai deu um problema de saúde*; e, por fim, como não dinâmico temos *eu não dou bem com ela*. Neves (2000), então, classifica os verbos que constituem predicadores da seguinte forma:



Figura 2: Classes principais de verbos predicadores.
Fonte: Elaboração própria

Diferentemente das outras gramáticas, Neves (2000) subclassifica os predicados verbais segundo a transitividade. Verbos transitivos prototípicos são aqueles cujo complemento é paciente de mudança, é o caso do verbo *dar* em seu sentido pleno. Conforme a autora, os verbos transitivos podem se dividir em: verbos cujo objeto sofre mudança em seu estado; criação do objeto; destruição do objeto; alteração física no objeto; mudança na localização do objeto; mudança provocada por um instrumento; mudança superficial no objeto e mudança interna. Além disso, o objeto do verbo pode não sofrer mudança física, os principais tipos são: *de lugar*, o sujeito movimenta-se; *de direção*, o objeto indica meta e *associativo*, o verbo indica uma ação recíproca. O verbo *dar*, nessa perspectiva, aparece exemplificando a subcategoria beneficiário, em que o sujeito mais comum é o agente e o objeto direto representa aquele que se beneficia, é o caso de *deu ao genro um engenho com setenta escravos* (NEVES, 2000, p.31). Neves (2000) ainda discorre sobre os verbos *com complemento oracional*, que englobam os verbos de modalidade, decognição, de manipulação e de elocução, bem como os *implicativos afirmativos*, como conseguir; preocupar; lembrar; inquietar-se com; dá-se o trabalho de; ocorrer, e *implicativos negativos* que são construídos com negação, como não conseguir, não inquietar-se.

Ao tratar do *verbo suporte*, Neves (2000) afirma que ele possui um “significado bastante esvaziado que forma, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua” (NEVES, 2000, p.53). Para exemplificar, a autora utiliza o verbo *dar*: *deu um grito*, que significa *gritou*; *dar uma investida*, que pode ser substituído por *investir*; *deu um riso* que quer dizer *rir*; *dar uma surra*, por sua vez, substitui *surrar*. Há uma ressalva, no entanto, para expressões como *dar uma cotovelada*, que não podem ser enquadradas nessa categoria, pois essas construções não têm um verbo pleno em relação de paráfrase. A linguista chama a atenção para o fato de que expressões cristalizadas não constituem verbo suporte, por serem fixas na língua, como *faz gosto*, *faz ideia*. Ressaltamos que certas ocorrências construídas com o verbo *dar*, comumente utilizado com maior nível de abstração na língua, também podem ser enquadradas como expressões cristalizadas, é o que ocorre em *dar tempo*, *dar certo*, *dar errado*.

As construções com verbo suporte, nessa perspectiva, são compostas por um verbo com uma natureza semântica básica, um sintagma nominal que, juntamente com o verbo, formam o sentido do todo, além de determinar os papéis temáticos da predicação. Dessa forma, o verbo suporte tem o sintagma nominal não referencial como complemento, de modo que o complemento é geralmente um substantivo sem determinante. Neves (2000) cita os verbos *dar*, *fazer* e *levar*, típicos de construções com verbo suporte, para afirmar que eles

funcionam como plenos caso o complemento seja um sintagma nominal referencial, como ocorre em *faz uma declaração, dava o grito, dera a cacetada*.

Para Neves (2000),

[...] muitas das construções com verbo suporte correspondem a outras construções com o mesmo significado básico, é necessário entender que o falante deve optar pelo emprego de um verbo suporte, porque com esse emprego ele obtém algum efeito especial. (NEVES, 2000, p.56)

Maior versatilidade sintática é um dos efeitos propostos pela autora; o segundo, é a possibilidade de se adjetivar o substantivo do complemento, assim ele pode ser qualificado, o que acontece em exemplos, como *teve um riso vazio e largo*, e classificado, como em *dar uma risadinha amarela*. Nesse sentido, algumas construções com verbo pleno não teriam o mesmo efeito, como *teve um riso vazio e largo* para *rir vaziamente e largamente*. Além desses efeitos, o uso do verbo suporte permite indicar maior posse reflexiva; permite fazer uma quantificação do nome do complemento, – o uso do verbo pleno, nesse caso, indicaria maior intensidade, isto é, não quantificação, *dá muito mais proteção* para proteger muito mais – permite uma restrição do nome; permite reduzir a valência de um predicado, visto que a substituição de um verbo transitivo por um suporte pode levar a não ocorrer o que seria o complemento do verbo; para obter maior adequação de registro; o verbo suporte no contexto científico pode indicar um jargão da área; permite sugerir gestos, *dar uma risada*; permite definir a natureza semântica do predicado; fazer remissão textual do tipo anafórica e catafórica e instituir referente textual para posterior retomada. Em seguida, para finalizar o capítulo sobre verbos, Neves (2000) discorre sobre os verbos que não constituem predicado, são os que indicam: modalidade, aspecto, tempo e voz.

Ao lado da obra de Neves (2000), entendemos como relevante, também, a *Nova gramática do português brasileiro*, de Castilho (2012), que não representa apenas uma gramática da língua portuguesa, mas, também, uma gramática do português falado, por isso ao consideramos imprescindível para entendermos os aspectos semânticos do verbo. Castilho (2012), nessa gramática, para definir o estatuto categorial do verbo, utiliza os sistemas que constituem uma língua, são eles: gramaticais, semânticos e discursivos. Em propriedades gramaticais, do ponto de vista morfológico, são considerados verbos as classes que dispõem de um radical e de morfemas. Para a propriedade semântica, entende-se que o verbo representa ação, estado e os eventos de que precisamos. Do ponto de vista do discursivo,

considera-se verbo a palavra que introduz participantes no texto, que o qualifica e que concorre para a constituição dos gêneros discursivos.

Para descrever o verbo, Castilho (2012) destaca a importância da transitividade, o que, conforme o autor, é argumentada da seguinte forma

a transitividade é sem dúvida alguma a propriedade gramatical mais importante do verbo. Sendo um princípio, encontramos sua atuação por toda a língua. Sua importância gramatical está em estruturar a sentença, ao selecionar seus argumentos (CASTILHO, 2012, p.396).

Na gramaticalização, Castilho (2012) destaca como fenômeno mais importante a migração do *verbo pleno* para *funcional* e deste para *auxiliar*. Discutindo sobre as funções, afirma que *verbo pleno* seleciona argumentos e lhe atribui papéis temáticos; o *verbo funcional* transfere esse papel aos constituintes a sua direita e o *verbo auxiliar*, por seu turno, atribui categorias de pessoa e número, também indica aspecto, tempo, voz e modo do verbo pleno que o acompanha. É importante destacar que essa escala não representa uma sequência obrigatória. Para exemplificar essa escala, Castilho (2012) utiliza a gramaticalização dos verbos *ser* e *estar*, *ter* e *haver*, observando que, a partir de certo momento, a utilização de *ser* e *estar* com sentido pleno quase desapareceu, mas, como uma estrutura sintática nunca deixou de existir. Assim, podemos afirmar que tais verbos foram reanalisados. De *ter* e *haver* como verbos auxiliares, surgiram o futuro do presente e do pretérito e o pretérito perfeito composto.

Castilho (2012) é breve ao falar sobre verbo suporte, também denominado por ele como funcionais e verbalizados. Para ele, esses verbos possuem uma solidariedade sintática com o substantivo que o segue, pois não lhe atribui caso. O autor utiliza o *dar* para demonstrar que um verbo pode funcionar como pleno ou suporte, como é o caso da expressão *dar certo*. Nesse sentido, Castilho (2012) estuda a gramaticatização dos verbos, de plenos que se tornam auxiliares.

Na *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, Marcos Bagno (2012), por sua vez, expõe a sua opinião em contribuir para a formação docente, para que os professores conheçam com melhores bases teóricas o português brasileiro. Nessa linha, o autor rejeita o tradicional ensino de gramática. Por essa proposta diferenciar-se das demais, trazendo uma proposta didática pedagógica, selecionamos essa obra, também, para análise. Bagno (2012) chama atenção para o fato de que, em livros didáticos e gramáticas tradicionais, o autor inicia suas explanações pelo substantivo. Por outro lado, os estudos linguísticos contemporâneos

começam as investigações pelo verbo, visto que os verbos são o núcleo de um enunciado significativo, por isso, a tradição gramatical fala em oração sem sujeito, mas nunca de oração sem verbo. “A palavra verbo é herança direta do latim *verbum*, ‘palavra’. [...] Ao definir verbo como ‘a palavra’, os latinos demonstraram consciência da importância do verbo como núcleo de todo e qualquer enunciado” (BAGNO, 2012, p.508).

Para abordar as diversas facetas do verbo, Bagno (2012) o define com base em suas características sintáticas, semânticas e pragmáticas, assim como fez Castilho (2012). Para a propriedade morfossintática, o verbo é definido como palavra que dispõe de um radical e de sufixos próprios; para semântica, o verbo expressa as ações, os estados e os eventos; no discurso, considera-se verbo a palavra que introduz participantes no texto, que o qualifica e que concorre para a constituição dos gêneros discursivos. Em seguida, Bagno (2012) define sete propriedades funcionais do verbo e discorre sobre cada propriedade. Em resumo, afirma que o verbo cria um matriz que comporta espaços que poderão ser preenchidos por sintagmas nominais; estabelece um ponto de vista a respeito do estado de coisas enunciado; obriga-nos a examinar a categoria de pessoa; contém informações sobre o tempo, como no português brasileiro; permite a expressão de aspectos; possibilita modalizar o estado de coisas que descrevemos e também comporta informações de voz.

Para determinar o caráter transitivo e intransitivo de um verbo, conforme Bagno (2012), é necessário observar o contexto discursivo. O verbo *dar*, por exemplo, considerado um verbo transitivo por excelência, prevê em suas construções um objeto direto e um indireto. Porém, ao observar as construções, verbos transitivos podem se tornar intransitivos, o *dar*, no exemplo proposto pelo autor, *eu quero dar pra ele. Calma gente. Quero dar os parabéns [...]* (BAGNO, 2012, p.517) pode não trazer o objeto direto explícito, mas isso não impede que haja compreensão da oração.

Construções desse tipo são exemplos que justificam a abordagem da língua como um fenômeno sociocognitivo, que aciona, sem dúvida, a lexicogramática, mas também o conhecimento de mundo dos interlocutores, regras culturais, tabus linguísticos etc. E também provam que a língua só se manifesta realmente e só se torna significativa em textos, falados ou escritos, e nunca jamais em sentenças isoladas. (BAGNO, 2012, p. 517)

Após discorrer sobre a história da regência verbal, Bagno (2012) se atém aos verbos irregulares. Para ele, esses são os verbos mais empregados. Na língua, eles resistem à força da regularização justamente pela intensidade do seu uso. Por isso, eles são os primeiros verbos que devemos conhecer quando aprendemos outra língua, pois permitem a realização da

interação verbal. No entanto, algumas formas na língua surgem com mais facilidade, como é o caso do verbo *ponhar*, formado a partir da primeira pessoa do singular do presente do indicativo: *eu ponho*, o mesmo ocorre com o uso do futuro do subjuntivo do verbo *ver* para *vir*.

Os verbos auxiliares são exemplos do processo de gramaticalização para esse linguista. Infelizmente, na gramática tradicional, a classificação como auxiliaré feita apenas com os verbos *ter*, *haver* e *ser*, mas, segundo Bagno (2012), os auxiliares correspondem aum fenômeno muito mais amplo. Continuando o argumento, diz queo sintagma verbal é formado por um verbo auxiliar (especificador), o verbo principal (núcleo) e o complemento. Nesse sentido, o verbo *ir* é um exemplo do processo de gramaticalização, como verbo pleno, e é utilizado para expressar movimento espacial, como *envou para escola*. Porém,o deslocamento espacial também implica uma passagem de tempo, assim, as locuções em que *ir* venha seguido de um infinitivo passaram a ser usadas pelos falantes como expressão de tempo. O *ir* passou, dessa forma, a ser utilizado, portanto, como auxiliar de verbos que indicam posição estática, *vou parar*; *vou pensar*; e, até mesmo,movimento contrário ao de *ir*, *vou voltar*.

Bagno (2012) reconhece o *dar* como um dos verbos mais empregados na língua, ao lado dos verbos*fazer, guardar, levar, manter, pegar, soltar, ter* e *tomar*, e, assim, afirma que, devido a produtividade, que é quase impossível enumerar as combinações permitidas por esses itens na língua em uso. Construções como *tomar banho* para *banhar-se*; *tomar a decisão*o lugar de *decidirou*, focalizando o nosso estudo, *dar beijo* para *beijar*; *dar benção* significando *abençoar*,provam que “a construção verbo-suporte + SN serve para preencher lacunas no léxico da língua, preenchimento que se faz por meio de sintagmação, demonstrando, mais uma vez, a impossibilidade de separar léxico de gramática.” (BAGNO, 2012, p.636) Nesse sentido, os verbos também passam por processo de gramaticalização, assim como todas as demais classes de palavras.

Diante da breve análise das gramáticas, é possível resumir oque observamos, nessa seção, da seguinte forma:

	Bechara (2009)	Cunha (1986)	Neves (2000)	Castilho (2012)	Bagno (2012)
Definição de verbo	uma unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um	uma palavra de forma variável que exprime o que se passa	forma os predicados das orações	divide-se entre os sistemas gramaticais, semânticas e discursivos	divide-se entre os sistemas morfosintáticos, semânticas e discursivos

	molde pelo no qual é possível organizar o falar.				
Verbo auxiliar	o verbo <i>ser</i> , <i>estar</i> , <i>ficar</i> se combinam com o particípio do verbo principal para construir a voz passiva	se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que apresentam matizes significativas particulares	Não aborda	Devido à gramaticalização dos verbos, de plenos se tornam funcionais e auxiliares	são exemplos do processo de gramaticalização, correspondem a um fenômeno muito mais amplo do que gramática tradicional classifica
Verbo irregular	formas verbais que se derivam de outras chamadas primitivas	Não aborda	Não aborda	Não aborda	os mais empregados, na língua, eles resistem à força da regularização justamente pela intensidade do seu uso
Verbo transitivo	Não aborda	Não aborda	aqueles cujo complemento é paciente de mudança	sua importância gramatical está em estruturar a sentença, ao selecionar seus argumentos	são exemplos que justificam a abordagem da língua como um fenômeno sociocognitivo
Verbo suporte	Não aborda	Não aborda	significado esvaziado que forma com seu complemento um significado global	possuem uma solidariedade sintática com o substantivo que o segue, pois não o atribui caso	seve para preencher lacunas no léxico da língua

Quadro 3: Resumo das definições de verbo das gramáticas analisadas.

Fonte: Elaboração própria

Se, na Tradição Gramatical, há uma visão forte entre a linguagem e a lógica com o seu caráter normativo, buscando conservar a língua; por outro lado, ao contrário do que se observa nessa tradição, mudanças acontecem na língua e essa dinamicidade é um processo natural. Na Tradição Linguística, Neves (2000), Castilho (2012) e Bagno (2012) observam a

língua atestada entre os falantes. Na perspectiva do verbo *dar*, notamos que a escolha por esse verbo reflete a busca por sentidos particulares, dessa forma, as variações presentes nesse verbo confirmam a ideia de que a língua é um instrumento de interação social.

Em seguida, veremos questões já trabalhadas sobre o nosso objeto de estudo, o verbo *dar*.

2.3 Trabalhos contemporâneos sobre o verbo *dar*

Muitos trabalhos¹⁰ têm sido desenvolvidos com o intuito de observar as variações ocorridas com os verbos. Nesta presente seção, apresentamos trabalhos nos quais o objeto de estudo foi o verbo *dar*, são eles: *Construções lexicais complexas constituídas com o verbo dar: processos metafóricos de construção de sentidos*, Maciel (2005), e *Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples*, Esteves (2008).

Com o intuito de observar diversos sentidos veiculados ao verbo *dar*, Maciel (2005) desenvolveu um trabalho sobre as construções lexicais complexas constituídas com o verbo *dar*¹¹. Essas categorias são formadas, em sua maioria, de verbo + nome e podem apresentar uma função lexical plena ou uma função veiculadora de informações gramaticais quando informa a pessoa gramatical, tempo, modo e número. Para analisar de que forma os falantes utilizam determinados itens lexicais em um só esquema, Maciel (2005) toma, como investigação, a semântica de base funcionalista com enfoque centrado nos processos metafóricos de constituição de sentidos. O desafio do trabalho, então, é validar a hipótese de que estruturas como *dar fé*, *dar em cima*, para formarem um todo significativo, têm, como motivação, uma base significativa influenciada por fatores sociocognitivos. Em nossa pesquisa, classificamos expressões como essas como expressões cristalizadas, conforme discutimos na seção *Continuum de gramaticalização do verbodar*.

Maciel (2015) descreve as Construções Lexicais Complexas (CLCDs) como uma estrutura formal dependente de influências contextuais. O autor procura adotar um posicionamento linguístico conciliador entre formal e funcional, uma vez que a linguagem é um fenômeno psicológico e social. Além disso, para explicar os diversos sentidos atribuídos ao verbo *dar*, o autor categoriza semanticamente as construções. Primeiramente, Maciel

¹⁰Travaglia(2007), *A gramaticalização de verbos passar e deixar*. Carvalho (2011), *Gramaticalização de verbos e contextos morfossintáticos*. Votre (2004), *Gramaticalização*, entre outros.

¹¹ Esse termo foi desenvolvido pela Profª. Dr. Eliane Ferras Alves em sua tese de doutorado “Construções Lexicais Complexas com o verbo *levar*”, em 1998, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE.

(2005) analisa as origens do item verbal. Assim, no Latim Clássico, o linguista observa que o verbo *dar* já havia se cristalizado como um item formador de estruturas complexas, pois foram encontradas, nas estruturas coletadas nos autores latinos, amostras com o verbo pleno e com o auxiliar. Nesse sentido, podemos afirmar que a extensão de sentido do verbo *dar* não é contemporânea, as mudanças semânticas sofridas por esse item atualmente são as mesmas em estágio anterior.

Os registros de CLCDs foram analisados em textos orais do *corpus* VALPB. Esse *corpus* é constituído por sessenta entrevistas, com moradores de João Pessoa, organizadas de acordo com a variável anos de escolarização, sexo e faixa etária. Nas sessenta entrevistas, foram detectadas 265 ocorrências de construções lexicais. Após a seleção das construções, nas quais foi realizada uma análise dos processos de construção de significados metafóricos, os resultados direcionam para metáforas estruturais.

Entre os usos de CLCDs identificados, foram encontrados alguns idiomáticos, do tipo *dar com a língua nos dentes*, *dar uma colherzinha de chá*. Esse fenômeno representa processo de mudança na língua, cuja trajetória pode ser estudada. Para Maciel (2005), existem expressões idiomáticas mais metafóricas, como *dar ar*, e outras menos metafóricas, como *dar a moléstia*, todas exercem funções textuais diversificadas e funcionam de inúmeras maneiras como se fossem palavras únicas. Observamos que não é comum, em nosso *corpus*, encontrarmos expressões como *dara moléstia*, tendo em vista que remonta a um uso regional realizado, sobretudo, nos estados nordestinos que se situam de Sergipe até Piauí.

Por meio dos processos metafóricos de construção de sentido, podemos perceber que a noção de doação do verbo *dar* se metaforiza em dois tipos: as metáforas ontológicas e as metáforas orientacionais. Essa classificação encaminhou os resultados das realizações de CLCDs para metáforas estruturais. Dessa forma, doação é ajuda; resolução; desejo; reação, mudança; provisão; agressão; contato; preocupação; movimento; finalização; amor; ação; deliberação; fala; surpresa. Com base nos resultados obtidos por Maciel (2005) e de acordo com o que foi destacado pelo autor, estruturamos o seguinte quadro:

Tabela 1: Ocorrências destacadas por Maciel (2005)

Doação	Quantidade de ocorrências	Não escolarizado	09 a 11 anos de escolaridade
Ação (dar um duro)	80%	93%	-
Acontecimento (dar errado)	13%	-	-

Preocupação (dar trabalho)	3%	-	-
Causa (dar é causar)	2%	-	-
Ser (dar aquela preguiça)	2%	-	10%

Fonte: Elaboração própria

Esse resultado possibilita perceber, conforme Maciel (2005), que as influências sociais são determinantes no processo de construção de sentido linguístico. 93% dos informantes não escolarizados utilizaram o verbo *dar* veiculado ao sentido de ação, enquanto nenhum informante utilizou o *dar* como *preocupação*. Tais resultados encontrados evidenciam que o uso do traço mais concreto para mais abstrato varia de acordo com o acesso a determinados conhecimentos. Por outro lado, o uso do *dar* como condição mais abstrata pelos informantes escolarizados permite constatar que tal consciência depende de fatores pragmáticos, como o fato de o informante não querer se expor.

Conforme Maciel (2005), o processo de variação semântica marca alterações funcionais nas construções gramaticais na construção de determinada língua, pois o verbo *dar* passa de item lexical autônomo, pleno, para uma forma linguística funcionalmente dependente de outros elementos linguísticos. Nesse sentido, há a perda do valor semântico do *dar*, além disso, há, também, a perda do poder funcional de predicar, função que passa a ser exercida pelo nome que acompanha o respectivo verbo na construção lexical complexa. Porém, tais ocorrências não impedem que os outros sentidos ou usos do verbo *dar* ocorram. Maciel (2005) conclui que os processos metafóricos de construção de sentidos das CLCDs são sociocognitivamente determinados, o seu uso está ligado a nossos sistemas conceptuais culturais. Em relação a nossa pesquisa, o trabalho realizado por Maciel (2005) contribuiu para melhor entendermos os processos metafóricos de construção de sentidos das expressões idiomáticas formadas pelo verbo *dar*.

Outro trabalho importante para a investigação do verbo *dar* é a dissertação¹² desenvolvida por Giselle Esteves para o programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esteves (2008) objetiva, em seu estudo investigar a natureza categorial do verbo *dar*, analisando sua trajetória de verbo predicador pleno a verbo-suporte; verificar se há diferenças dialetais na caracterização de predicadores complexos com verbo-suporte *dar* entre as variedades europeia e brasileira da língua portuguesa; depreender os

¹²Construções com *DAR* + *Sintagma Nominal*: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples./ Giselle Aparecida Toledo Esteves. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2008.

condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que possibilitam a alternância entre perífrases *dar* + *SN* e verbo pleno de sentido equivalente e oferecer contribuição para descrições sobre categorização e comportamento verbal em livros/materiais didáticos.

Esteves (2008), primeiramente, observa como algumas obras de orientação tradicional e descritiva descrevem o verbo *dare* construções com verbo-suporte. Após essa revisão teórica, a autora conclui que, nas gramáticas de orientação tradicional, são abordadas definições semelhantes, pois consideram o *dar* somente como verbo principal das estruturas *dar* + *SN*. Apenas as obras de orientação teórico-descritiva apresentam a categoria de verbo-suporte, mas as observações ainda são superficiais, o que gera novos questionamentos e que, a nosso ver, sinalizam para a necessidade de novas pesquisas. Em seguida, Esteves (2008) utiliza a teoria funcionalista e os pressupostos fundamentais do sociofuncionalismo para investigar as construções *dar* + *SN*.

A autora, assim como optamos em nossa pesquisa, toma como base a teoria da Gramática Funcional de orientação holandesa, visto que busca explicitar como interlocutores de uma língua natural obtêm sucesso na comunicação por meio de expressões linguísticas. Além disso, a recorrência do processo de gramaticalização é fundamental para explicar os novos sentidos atribuídos ao verbo *dar*. Assim, Esteves (2008) defende, como nós, que as formas linguísticas passam por esse processo, porque adquirem novos usos e funções em decorrência de necessidades encontradas em contextos discursivos.

Segundo Esteves (2008), para estudar as formas linguísticas gramaticalizadas, uma análise pancrônica dos dados é mais adequada, pois propicia informações sobre as extensões de sentido em um determinado período no tempo e, também, procura investigar esse processo com base no confronto de manifestações linguísticas ao longo de períodos de tempo. A perspectiva pancrônica presente nesse estudo, também, vai ao encontro do que nós pesquisamos.

Para desenvolver a pesquisa, Esteves (2008) utilizou acervos de textos orais do Português Brasileiro e do Português Europeu. A constituição das amostras teve como base a reprodução de trechos que expusessem o contexto discursivo nos quais os dados sob interesse estavam inseridos. A análise dos dados coletados ocorreu com base na observação das categorias às quais cada ocorrência pertence, o que permitiu a apreensão de um *continuum* de gramaticalização e dos aspectos que influenciam o fenômeno, propriedades relacionadas à semântica e à morfossintaxe das construções e frequência de uso. O quadro a seguir demonstra, de forma resumida, as fontes e o número de textos pesquisados do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE).

Tabela 2: Fonte da coleta de dados em acervos do Português Brasileiro e Europeu para estudo da gramaticalização do *dar*

Fontes da coleta de dados	Nº de textos pesquisados PB/PE	Nº de dados coletados PB/PE
Inquéritos do Projeto NURC/VARPORT (oral)	41/33	78/46
Inquéritos do Projeto APERJ/VARPORT (oral)	37/38	54/42
Depoimentos da amostra do Projeto Discurso e Gramática. (oral)	279	152
Textos jornalísticos do Projeto VARPORT e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro/ Lisboa e do site http://www.indekx.com (1901 – 2007) – escrito	475/382	303/179
Depoimentos da amostra do Projeto Discurso e Gramática. – escrito	249	58
Textos escolares sob avaliação (narrações, dissertações e provas) – escrito	177	84

Fonte: Esteves (2008, p. 98)

Ressaltamos que nem todas as construções com *dar* foram coletadas pela pesquisadora, casos com nominalizações – *ada*, mesmo sendo de alta produtividade no *corpus*, foram excluídos da análise sociofuncionalista, pois, segundo Esteves (2008), mereceriam tratamento específico. E, para o estudo da alternância entre ocorrências, como *dar notícia*, *dar pulos* e verbos plenos, *noticiar*, *pular*, a autora decidiu trabalhar apenas com dados do Português Brasileiro.

Além da análise inicial, Esteves (2008) realizou uma pesquisa na qual o informante descreve como ele percebe ou emprega certas expressões linguísticas e as justificativas que o levam a fazer isso de uma determinada forma e não de outra. Cada teste é composto por questionários com perguntas fechadas e abertas, há perguntas como: *dar pancadas* apresenta o mesmo significado de espancar? Ao fim do teste, o informante poderia fazer comentários sobre as estruturas linguísticas destacadas. Foram 225 informantes, no total, com escolaridade entre ensino fundamental, médio e completo, além de professores de Português.

Das amostras do PB e PE, a pesquisadora registra que as predicções com *dar* + *SN* são polissêmicas, visto que ocorrem diferentes nuances de sentido além do valor semântico

básico de transferência do verbo e, a depender do SN, o *dar* pode assumir comportamento de verbo-suporte. A análise das ocorrências possibilitou destacar diferentes categorias às quais o *dar* pode vir a pertencer, são elas:

Tabela 3: Produtividade das categorias.

Cadeia de gramaticalização	O verbo dar	Exemplo	Número de ocorrências PB/PE
Verbo predicador pleno	É responsável por projetar argumentos e atribuir-lhes papel temático, está veiculada a noção de transferência	Os vendedores deram um copo de água com açúcar pra ela. (p. 106)	69/939 7%
Verbo predicador não pleno	Atua como verbo predicador, mas já apresenta extensão de sentido	este maravilhoso refrigerador não lhe dá apenas essa vantagem (p. 106)	196/939 21%
Verbo predicador a verbo-suporte	Apresenta predicador simples, partilha com o SN a função de projetar argumentos e atribuir-lhes papel temático	Os próprios escutados deram o seu consentimento (p. 121)	256/939 27%
Verbo-suporte	Serve de suporte a manifestação das categorias de tempo, modo, aspecto, número e pessoa, como ocorre com verbos auxiliares.	Quando eu era jogador... eudei um gol de cabeça (p.107)	418/939 45%

Fonte: Esteves(2008, p. 126)

Na categoria em que o verbo *dar* revela comportamento gramatical, a frequência de uso é maior. Nos resultados em que investiga variedades nacionais, modalidades expressivas, tipos textuais e tempo real, Esteves (2008) observou resultado semelhante, nas amostras do PB e do PE, a saber: o emprego do *dar* como verbo-suporte é mais produtivo nas duas amostras. Ao alcançar o estatuto gramatical, o verbo *dar* passa a ser mais utilizado com o tempo, já a categoria lexical de predicador pleno e não pleno teve uma queda no número de ocorrência no último período do século XX (1976-2000), a autora acredita que isso é

consequência do processo de gramaticalização. Após análise de textos orais e escritos pertencentes à amostra do projeto VARPORT, Esteves (2008) constatou que o verbo *dar* é mais frequentemente utilizado na fala em qualquer das categorias estudadas. Nas amostras escritas, o seu uso tem mais representatividade nas categorias funcionais, verbo-suporte. No entanto, observa a pesquisadora, em geral, quando os falantes não têm necessidade de alcançar alguma nuance de sentido, optam por verbos plenos.

Em relação ao verbo *dar*, na categoria de predicador não pleno, a linguista afirma que é empregado com diferentes acepções: oferecer, fornecer, passar; atribuir; ensinar; produzir; causar, gerar; bater, soar; ocorrer, aparecer; ter, possuir. E, dando continuidade à argumentação, diz que as quatro primeiras acepções ainda possuem uma noção de transferência metafórica, e que as demais não apresentam esse valor. A expansão de sentido possibilita que o *dar* passe a se apresentar cada vez mais esvaziado semanticamente.

Nos testes de atitudes referentes ao processo de gramaticalização, Esteves (2008) investigou a configuração sintática do SN e a substituição. Os resultados dessa seção revelam que, para a maioria dos informantes, a estrutura *dar* + SN presente no teste é bastante frequente, 50% optaram pela possibilidade de anteposição de SN na perífrase *deu um pulo*. Além disso, a maioria dos informantes escolheu pelo menos um verbo para substituir *dar* em estruturas *dar um gol*, *dar uma surra*, *dar um escândalo*.

Com relação à variável grau de escolaridade, nos períodos escolares estudados, a quantidade de perífrases é maior na fala em comparação à escrita, no geral. A partir da oitava série, o percentual de verbos plenos aumenta na escrita. Esses resultados confirmam a hipótese de que alunos escolarizados têm maior nível de consciência sobre normas acerca da elaboração de textos escritos. Ademais, a autora faz algumas considerações sobre o ensino das construções *dar* + SN, ela critica um manual de redação por causa das recomendações para evitar o uso de verbos-suportes e, em seguida, desenvolve orientações relacionadas à abordagem de construções desse tipo.

Com a concepção funcionalista de que a língua é instrumento de interação social, a análise de Esteves (2008) permitiu-nos aprofundar o que já se conhece sobre o comportamento sintático e semântico do verbo *dar*. Além disso, os testes de atitude possibilitaram investigar os condicionamentos semântico-pragmáticos de forma diferente do proposto no trabalho de Maciel (2005), pois as análises do autor são feitas apenas com base em entrevistas e os informantes não sabem o que o pesquisador deseja investigar. Outro ponto diferente é a teoria utilizada, Maciel (2005) fundamentou sua investigação na semântica de base funcionalista, e Esteves (2008), por sua vez, estruturou a sua pesquisa à luz da teoria

Sociofuncionalista. Com diferentes abordagens, os dois trabalhos trouxeram acréscimo para a compreensão do processo de gramaticalização do verbo *dar* e possibilitou-nos um diálogo com os nossos resultados.

3 CLASSIFICAÇÃO VERBAL

Sabemos que a língua falada enquanto objeto social é passível de mudanças, por esse motivo inovações surgem constantemente e novos conceitos, significados, palavras vão se formando. Nesse processo de variação/mudança linguística, notamos que os fenômenos da linguagem são muito mais complexos e dinâmicos do que as regras estabelecidas. Presentes nessa renovação da língua, os verbos são os principais elementos para a construção do discurso.

De acordo com Cunha (1994), os dez verbos mais frequentes na língua portuguesa são: *ser, dizer, ter, ir, estar, fazer, haver, poder, ver e dar*. Com base nesses verbos gerais e levando em consideração que a língua é mutável e é moldada por seus usuários, os diversos tipos de verbo (suporte, pleno, formador de expressões cristalizadas) e de construções que ele integra se relacionam à manipulação criativa da língua alicerçada por diferentes motivações comunicativas. Com o objetivo de classificar o verbo *dar* em verbo pleno, suporte, integrante de construções *x-ada* e como expressão cristalizada, tomamos como referência Neves (1996) para categorizar o *dar*.

3.1 Verbo Pleno

Alguns autores, como Neves (1996), Esteves (2008), Rassi (2013) identificam o verbo pleno pelo seu conteúdo semântico, isto é, compreendem que, na condição de verbo pleno, deve apresentar como argumento um sujeito humano, um agente responsável pela transferência física de um objeto concreto para outro sujeito. É o que ocorre em *o pai deu um livro para o seu filho*, no qual temos um objeto concreto, um livro, que é transferido das mãos do pai para o filho. Dessa forma, o verbo pleno apresenta um comportamento lexical. A esse respeito, Esteves (2008) diz que o *dar* é autônomo e está ligado à noção de transferência, é responsável por projetar argumentos e atribuir valor semântico. Davel (2009), por sua vez, afirma que o modelo prototípico do verbo *dar* é uma oração com sujeito agentivo que transfere um objeto concreto a um destinatário, a intencionalidade do sujeito em concluir a ação também é importante para determinar a prototipia. Há ainda uma outra forma de verbo pleno realizado com o verbo *dar*, nesse caso, algo é transmitido, mas não é mais um objeto concreto, como no exemplo anterior, mas, sim, algo que possui um traço mais abstrato. Por

esse motivo, denominamos esse tipo de ocorrência de *verbo pleno abstrato*, como mostra a figura 2¹³

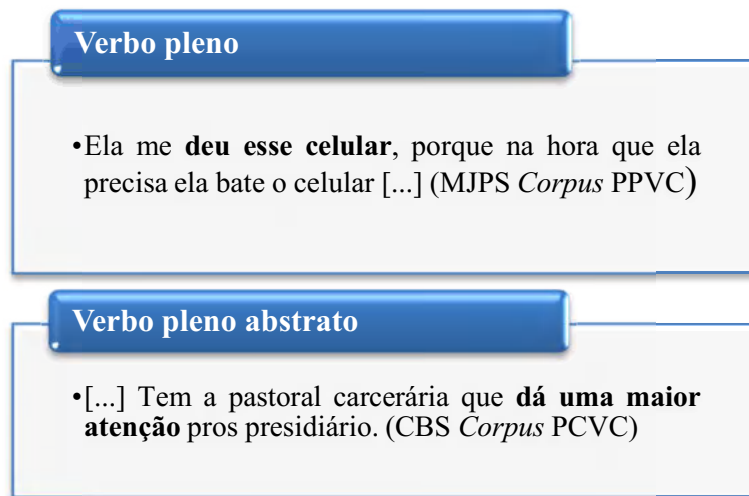


Figura 3: Exemplos de verbo pleno e verbo pleno abstrato.
Fonte: Elaboração própria

3.2 Verbosuporte

O verbo suporte se distingue da categoria de verbo pleno, pois pode ser usado para expressar a ideia de conceitos, informações ou expressões abstratas. Neves (2002), partindo do binômio verbo pleno e verbo suporte, diz que os verbos suportes se enquadram entre os verbos gerais, com certo grau de esvaziamento do sentido lexical, mas que conservam uma acepção cuja contribuição para o significado total pode ser explicada. Essas construções podem se situar ora mais próxima de um, ora mais próximas de outro extremo, de acordo com o grau de gramaticalização. Assim, o verbo suporte pode projetar argumentos juntamente com o SN que o acompanha, fazendo parte de um predicador que pode ser substituído por um verbo do mesmo valor.

Martelotta (1996), ao realizarem estudo sobre a trajetória de mudança sintática e semântica do verbo *saber*, constatou que essa trajetória parte do sentido mais concreto para um mais abstrato. Para o autor, ocorre um deslizamento semântico, pois o verbo *saber* possui o sentido prototípico de *sentir o paladar* e, posteriormente, ele passa a significar *conhecer* “por meio de um processo de transferência metafórica, isto é, a partir da similaridade entre o conteúdo de uma forma já existente no uso da língua, surge um novo sentido que é incorporado a ela através de um processo analógico” (p.294). Dessa forma, o verbo parte do seu sentido mais concreto, *ter sabor*, para o sentido mais abstrato de *conhecer*, que está ligado

¹³ Utilizamos *Corpus* PPVC ou *Corpus* PCVC para nos referirmos ao *corpus* do Português Popular e ao *corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista.

a uma capacidade mental. O autor não usa o termo verbo suporte em seu trabalho, mas deixa claro o desbotamento semântico que ocorre com o verbo *saber* devido às motivações decorrentes das pressões de uso.

Há autores, como Scher (2005), que preferem a nomenclatura verbo leve, mas optamos por usar o termo verbosuporte, visto que se trata de um verbo que se combina com um nome para tornar-se um predicado completo e passa a depender do argumento que o acompanha para ter sentido completo. Nesse sentido, acreditamos que o verbo dá suporte às marcas verbais de tempo, modo, pessoa e número.

De acordo com Neves (1996), a escolha de um verbo suporte em detrimento de um verbo pleno revela a busca de obtenção de sentidos particulares, com essa substituição, obtém-se uma maior versatilidade semântica. Desse modo, pode-se obter maior flexibilidade sintática, maior adequação comunicativa pela marcação de registro, bem como maior efeito na configuração textual. Para o Funcionalismo, a existência de formas alternantes na língua traz alternativas semânticas para que o falante se expresse, dependendo do efeito particular que esteja buscando.

Ademais, ainda segundo Neves (1999), os verbos suportes são semiesvaziados lexicalmente e formam, com o Sintagma Nominal, um significado global que pode ter correspondência com verbos plenos da língua. Essa categoria coloca em questão o princípio da economia linguística, visto que podemos encontrar na língua um verbo com o mesmo valor, como em: *dar amor* que corresponde a amar; *dar um abraço*, por sua vez, a abraçar. O esvaziamento que ocorre, de acordo com Neves(1999), provoca a perda das propriedades de transferência de algo concreto e junto com o elemento nominal forma um todo significativo em que não é possível determinar o significado do verbo, sem agregar o significado do nome. Em seguida, descrevemos o verbo suporte *dar* em construções *dar uma x-ada* com base nos estudos de Scher (2005).

3.2.1 X-ada

Scher (2005) também estuda as construções com verbo-suporte (ou leve, como prefere chamar).A autora observa que os responsáveis pelas associações temáticas de uma construção com verbo-suporte são os elementos nominais que os compõem, formando os predicados complexos.

A autora desenvolve um trabalho sobre as construções com verbo leve *dar* como resultado da associação desse verbo a uma nominalizaçãoem *-ada* (dar uma *Xada* em *y*), que, em geral, pode ter a interpretação de *um pouco*.

Scher (2005) chama atenção para o fato de que a interpretação aproximada da mesma forma que as paráfrases com verbo pleno pode sugerir que a contribuição de *dar* é muito pequena ou até inexistente. Porém, não se deve generalizar a ideia de que o verbo-suporte é vazio de significado. A autora exemplifica essa construção com a oração *O Pedro deu uma incrementada na receita*, em que *x* representa increment- e *y* receita, essa sentença pode ser parafrazeada por *O Pedro incrementou a receita* (SCHER, 2005,p. 82). A partir dessa estrutura, é possível afirmar que as construções com *dar* podem revelar uma interpretação descrita de modo sistemático, como no diálogo: *Mas ela emagreceu mesmo com a tal sopa? – Ah! Ela deu uma emagrecida, sim*. Percebe-se que a pessoa de quem se fala não emagreceu o quanto deveria, mas, sim, um pouco. Scher(2005)denomina essa interpretação como princípio diminutivização e o efeito desse princípio pode refletir um aumento da velocidade da ação. Se compararmos as construções com verbo suporte e suas paráfrases com o verbo pleno, notamos que somente a associação entre o *dar* e a nominalizaçãoem *-ada* pode garantir a interpretação de *um pouco*. Por exemplo, *varreu* denota que algo foi varrido por completo, enquanto que *deu uma varrida* é interpretada como algo que foi feito rapidamente, isto é, varreu-se um pouco. Deste modo, notamos o deslizamento do verbo *dar* para outro sentido muito diferente do prototípico, passando por um processo de ressemantização.

Scher (2005) ainda utiliza de traços temporais para analisar as ocorrências com verbo suporte, ela observa que o traço estaticidade não forma construções leves com *dar*, o mesmo acontece com o traço instantaneidade, já que uma eventualidade não permite a modalização por um pouco, como acreditar e amar. No entanto, uma eventualidade com traço dinamicidade, atividades com *passar* ou *tossir*, pode compor a estrutura com verbo suporte. Por outro lado, os traços télico e atélico poderão impedir a formação com verbo suporte se o verbo original não apresentar o traço durativo, a telicidade do predicado pode atrapalhar a construção da telicidade que constitui um resultado alvo. Nesse sentido, a formação do verbo suporte depende do tipo de eventualidade denotada pelo predicado. Temos, então, o verbo *dar* como suporte e, dentro dessa categoria, o *dar*, também, integra construções *x-ada*. Selecionamos duas ocorrências dos *corpora* para exemplificar as duas formas discutidas nesta subseção.

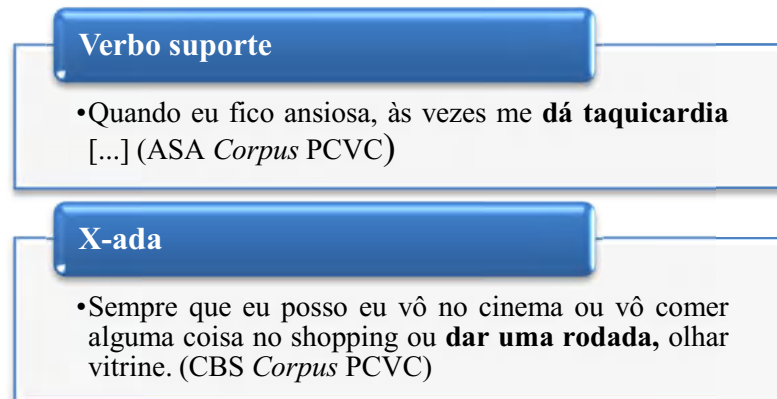


Figura 4: Exemplos de verbo suporte e dar uma *x-ada*.
Fonte: Elaboração própria

3.3 Expressões idiomáticas

O léxico reflete o conhecimento, a cultura de uma comunidade, por isso, está sempre em processo de formação. Com o tempo, antigas palavras perdem e ganham novos sentidos decorrentes das pressões sociais na língua. Dessa forma, cada sociedade possui expressões particulares, pois, para que o ouvinte entenda determinada expressão, é necessário que ele compartilhe a mesma cultura do falante.

Tais unidades são facilmente encontradas na língua, como *tomar juízo*, *jogar conversa fora*, *o tempo fechou*, o falante as emprega sem, na maioria das vezes, perceber que essas palavras, juntas, possuem um único sentido. *Dar o cano*, por exemplo, não significa que alguém dará um cano para outra pessoa, significando valor de transferência real, mas, sim, que o combinado não foi cumprido. Nesse caso, portanto, temos uma expressão que se tornou fixa na língua, ou seja, se cristalizou. Podemos exemplificar essa categoria com uma ocorrência retirada dos *corpora*:

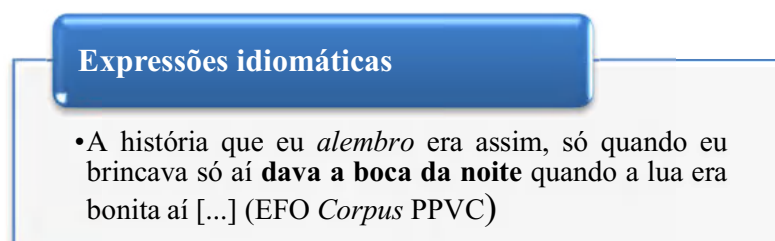


Figura 5: Exemplo de expressão idiomática.
Fonte: Elaboração própria

Um fator importante para determinar a prototipia de um verbo é a transitividade, o verbo *dar*, por exemplo, para ser considerado em seu sentido canônico, precisa ter o sentido de transferência. Por esse motivo, discutimos na próxima seção a transitividade verbal.

3.4 Transitividade

Conscientes da importância da transitividade para analisar o verbo *dar*, estudamos, neste seção, a transitividade verbal apoiados nos pressupostos de Cunha (2007) e Hopper e Thompson (1980).

Cunha (2007) analisa a transitividade como um fenômeno gramatical complexo à luz da teoria funcionalista. Para a autora, uma oração transitiva, segundo a linguística funcional norte-americana, “descreve um evento que potencialmente envolve pelo menos dois participantes, um agente que é responsável pela ação, codificado sintaticamente como sujeito, e um paciente que é afetado por essa ação, codificado sintaticamente como objeto direto” (CUNHA, 2007, p. 29). Esse fenômeno pode ser entendido, do ponto de vista semântico, quando as propriedades do agente, do paciente e do verbo definem a oração transitiva prototípica, e, do ponto de vista sintático, quando todas as orações e verbos com objeto direto são transitivas. Ainda para a linguística funcional norte-americana, a transitividade está centrada no significado lexical do verbo, pois o verbo cujo significado não reflete mudança de estado ou localização, afasta-se da transitividade.

Os funcionalistas norte-americanos, a exemplo de Hopper e Thompson (1980), fornecem uma análise da questão da transitividade em um complexo de dez parâmetros sintático-semântico. Embora independentes, esses traços funcionam juntos na língua para determinar a transitividade de uma oração. São eles: (1) Participantes: para ocorrer a transferência é preciso que dois ou mais participantes estejam envolvidos; (2) cineses: estados não podem ser transferidos; (3) aspecto: uma ação concluída pode possuir um grau maior de transferência; (4) pontualidade: ações que são contínuas possuem um grau menos de transitividade, diferente das ações com início e fim; (5) intencionalidade: o efeito sobre o paciente é mais visível quando a ação é proposital; (6) polaridade: orações afirmativas podem ser transferidas, já as negativas, não; (7) modalidade: uma ação hipotética é menos eficaz do que uma ação que realmente ocorreu; (8) agentividade: participantes com alta agentividade podem realizar a transferência; (9) afetamento: o grau de transferência da ação pode ser maior ou menor dependendo do quanto o paciente é afetado; (10) individuação: o grau de transitividade irá depender do referente dos substantivos. Portanto, cada parte focaliza uma

faceta da oração para identificar a transferência, abordagem bastante diferente da realizada na gramática tradicional, na qual apenas o verbo é responsabilizado pelo processo de transmitir sentido a outros elementos.

Na linguística Sistêmico-Funcional, segundo Cunha (2007), estuda-se a transitividade em relação à sua função social, pois as escolhas comunicativas não são aleatórias, dessa forma, é entendida por meio da representação das ideias como a gramática da oração. A identificação da transitividade ocorre, assim, por meio de processos, participantes e circunstância, que permitem analisar quem fez a ação.

Para Cunha (2007), o verbo *dar* e o verbo *ter* ocorrem em orações nitidamente transitivas, em que são vazios de significados. Ela reflete sobre esses verbos afirmando que

Ter confiança e *dar* uma pensadinha são verbos intransitivos ou confiança e pensadinha são os objetos dos verbos transitivos *ter* e *dar*, respectivamente? Nota-se que ter confiança equivale a confiar [...] e *dar uma pensadinha* corresponde a pensar. Esse é um excelente caso para o argumento de que a fronteira entre verbos de um ou de dois participantes é muito tênue no discurso convencional. [...] Os exemplos discutidos nesta seção refletem algumas possibilidades de manifestação diversificada do fenômeno da transitividade, atendendo aos propósitos comunicativos e cognitivos dos usuários da língua (CUNHA, 2007, p. 52).

Nesse sentido, para as duas abordagens citadas, seja na tradição gramatical ou na linguística, a transitividade reflete a gramática da oração, visto que é na oração, que a transitividade se manifesta e, assim, é nesse espaço que se pode estudar as relações entre o verbo e seus argumentos. Razões que justificam o porquê de não analisar a transitividade em verbos isolados, pois o papel do contexto discursivo é importante para medir a transitividade da oração.

Após essa discussão, antes da análise de dados, seguimos para a seção referente aos procedimentos metodológicos da nossa pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos as etapas para o desenvolvimento da pesquisa. Desse modo, realizamos, uma abordagem sobre o *corpus*, a seleção dos informantes, montagem do *corpus* específico para esse estudo, e, em seguida, tratamos das variáveis linguística (estruturais) e extralinguísticas (sociais) investigadas por nós.

4.1 Descrição dos *corpora*

As amostras analisadas nesta pesquisa foram extraídas do *Corpus* de Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) e do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC), organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq. Tais *corpora*, de responsabilidade da pesquisadora Dr^a Valéria Viana Sousa, com cadastro no Certificado de apresentação para Avaliação Ética (CAAE), número 34221214.9.0000.00552, fazem parte do Projeto de Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Sociofuncionalista a partir da descrição e análise de *corpus* da comunidade de fala de Vitória da Conquista, que tem como fundamento os modelos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo norte-americano. O projeto possui dois *corpora*: o *corpus* do PPVC¹⁴, que contém 24 (vinte e quatro) informantes sem escolaridade ou com escolaridade abaixo de 5 anos; e o *corpus* PCVC, que contém 24 informantes com mais de 11 anos de escolaridade.

4.2 Coleta dos dados

A coleta dos dados ocorreu a partir da seleção e categorização de todas as ocorrências encontradas com o verbo *darnos corpora*. Dos 48 (quarenta e oito) informantes dos *corpora*, selecionamos, aleatoriamente, 12 (doze) entrevistas pertencentes a cada *corpus*. Encontramos, nessa amostra, 285 (duzentas e oitenta e cinco) ocorrências com o verbo *dar*, 134 (cento e oitenta e quatro) extraídas do *Corpus* do Português Popular e 151 (cento e cinquenta e uma) do *Corpus* do Português Culto.

¹⁴Vamos nos referir aos *corpora* utilizando a seguinte legenda: PPVC (Português Popular da cidade de Vitória da Conquista – informante com até cinco anos de escolaridade); PCVC (Português Culto de Vitória da Conquista – informante com mais de onze anos de escolaridade); I (faixa I: 15 a 34 anos); II (faixa II: 35 a 49 anos); III (faixa III: 50 anos ou mais); F (sexo feminino); M (sexo masculino).

4.3 Perfil dos informantes

Foram selecionadas, aleatoriamente, 24 (vinte e quatro) entrevistas, com 12 (doze) informantes pertencentes a cada *corpuse*, nestas, foram retiradas as ocorrências do verbo *dar* para descrição e análise. Todos os informantes são falantes nativos do português brasileiro e naturais da cidade de Vitória da Conquista, foram estratificados da seguinte forma:

1. Faixa etária: (I) de 15 a 34 anos; (II) de 35 a 49 anos; (III) com mais de 50 anos de idade;
2. Sexo: masculino e feminino;
3. Grau de escolaridade: até 5 anos de escolarização (*Corpus* PPVC) ou com mais de 11 anos de escolaridade (*Corpus* PCVC).

No quadro7 a seguir, demonstramos detalhadamente a estratificação dos informantes que compõem nossa amostra.

Português Popular			
	Informante	Sexo	Idade
Faixa I	GNB	Feminino	24 anos
	CDS	Feminino	31 anos
	LBR	Masculino	17 anos
	MSS	Masculino	26 anos
Faixa II	ESP	Feminino	38 anos
	AAB	Feminino	38 anos
	SAA	Masculino	37 anos
	WSO	Masculino	41 anos
Faixa III	MJPS	Feminino	52 anos
	ELC	Feminino	96 anos
	EJR	Masculino	83 anos
	EFO	Masculino	72 anos
Português Culto			
	Informante	Sexo	Idade
Faixa I	LCS	Feminino	20 anos
	CBS	Feminino	21 anos
	FSLB	Masculino	19 anos
	JLS	Masculino	21 anos
Faixa II	ASA	Feminino	39 anos
	ACMG	Feminino	42 anos
	HFDS	Masculino	36 anos
	RFV	Masculino	37 anos

Faixa III	JVB	Feminino	54 anos
	AIRM	Feminino	60 anos
	PARC	Masculino	50 anos
	DAO	Masculino	51 anos

Quadro 4: Informantes dos *corpora* do Português Popular e do Português Culto.
Fonte: elaboração própria

Como pode ser observado, selecionamos 24 (vinte quatro) informantes, 12 (doze) do sexo masculino e 12 (doze) do sexo feminino, além disso, eles estão divididos em faixa etária e grau de escolarização.

4.4 Entrevista

Os *corpora* são constituídos por entrevistas. Captar a fala natural é um desafio, mas alguns métodos podem ajudar a registrar uma fala mais espontânea. Tarallo (1986) defende o método de entrevista sociolinguística: a narrativa de experiência pessoal. Esse método consiste na organização dos informantes estratificados em nível de escolaridade, sexo, classe social, faixa etária, etnia. Assim, os informantes devem ser entrevistados seguindo um roteiro de perguntas acompanhado de um gravador. No entanto, a presença do próprio pesquisador e do gravador na hora da coleta dos dados pode impedir que a comunicação com o informante seja natural. Labov (2008) denomina esse problema de paradoxo do observador. A melhor maneira de superar esse paradoxo, segundo Labov (2008), é evitar a palavra língua; preparar um roteiro de perguntas e incitar o relato de experiência pessoal para provocar emoções vividas pelo informante. Nessa perspectiva, utilizamos esse modelo de metodologia, orientado por trabalhos sociolinguísticos.

4.5 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas controladas para análise dos dados são: extensão de sentido, transitividade, classificação verbal e idiomatismo. A *variável extensão de sentido* foi escolhida porque, a partir do valor semântico base do verbo *dar*, podem ser derivados outros sentidos. A *variável transitividade* é fator importante para determinar a prototipia do *dar*, pois quanto menor o nível de transitividade, maior o processo de gramaticalização desse verbo. Para melhor entender o processo de gramaticalização do verbo em questão, propomos uma classificação para descrição do *dar*, a qual prevê as categorias de verbo pleno, verbo

predicador não pleno, expressão cristalizada, verbo suporte e construção *x-ada*. Por fim, escolhemos a *variável idiomatismo* para investigar construções fixas na língua formadas pelo verbo *dar*.

4.6 Variáveis extralinguísticas

Fatores internos e externos influenciam o processo de variação linguística, por esse motivo, analisamos três variáveis sociais, são elas: sexo, faixa etária e grau de escolaridade. A *variável sexo* foi controlada com o objetivo de averiguar se existe um comportamento linguístico distinto entre homens e mulheres com relação ao uso do fenômeno, hipotetizamos que as mulheres e os homens utilizam tanto a forma conservadora quanto as variantes inovadoras. O segundo fator social relevante para essa pesquisa é a *faixa etária*. Por meio dessa variável, procuramos verificar a nossa hipótese de que os jovens tendem a usar com maior frequência o verbo suporte, enquanto os mais velhos empregam o verbo *dar* como pleno. Para além disso, acreditamos que falantes universitários, em função da maturidade acadêmica, utilizem o verbo *dar* em um leque de opções possíveis, desde a forma mais padrão (verbo pleno) à forma mais inovadora (*x-ada*), enquanto falantes com menor grau de escolarização empregam mais o verbo *dar* com sentido pleno, por isso, faz-se necessário, também, analisar a *variável nível de escolaridade*.

Amparados na teoria exposta nas últimas seções, selecionados os informantes cujas entrevistas serão analisadas, passemos à próxima seção.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, analisamos e descrevemos as ocorrências encontradas com o verbo *dar* no *Corpus* do Português Popular e no *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista. Além disso, descrevemos os elementos fundamentais para a cadeia de gramaticalização desse verbo. Assim, analisamos (i) o nível de transitividade das ocorrências com o verbo *dar* de acordo com os parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980) e, nesta mesma subseção, (ii) apresentamos as extensões de sentido do *dar* produtivas nos *corpora*, ademais, (iii) descrevemos um *continuum* de gramaticalização do verbo *dar*. Por fim, após processos de rodadas estatísticas no Programa *GoldVarb*, controlamos as variáveis extralinguísticas: nível de escolaridade, sexo e faixa etária.

5.1 Resultados das variáveis linguísticas

Nesta subseção, apresentamos os resultados da análise dos dados a partir da seleção das variáveis linguísticas, são elas: (1) transitividade verbal, (2) extensão de sentido e, por fim, categorizamos o verbo *dar* em três categorias para descrever um (3) *continuum* de gramaticalização. Destacamos a descrição da transitividade do verbo *dar* com base nas variações de sentidos desse item empregadas nos *corpora* analisados.

5.1.1 Múltiplos sentidos do verbo *dar*

São muitas as mudanças operadas pelo verbo *dar*, quando ele se junta a um nome ou a outro verbo, visto que, além de seu valor pleno de transferir, ceder alguma coisa, ocorrem variações do seu valor semântico básico. Nessa perspectiva, compreendemos que esse item seja polissêmico, pois o *dar* pode possuir múltiplos sentidos, como *possibilidade* e *causa*, por exemplo, como nas construções:

- **Possibilidade:** Conquista é uma cidade bem alternativa, é as quatro estações em um dia, então **dá pra** você aproveitar bem e dizer que é frio e tal (LCS *Corpus* PCVC).
- **Causa:** [...] aí chegou com a barba sem fazer, ah mais me **deu um nervoso**, olhei pra ele, peguei a malinha, falei entra logo nesse ônibus, borá! (AAB *Corpus* PPVC)

Por esse motivo, buscamos nos *corpora* os demais sentidos¹⁵ do verbo *dar*, são eles:

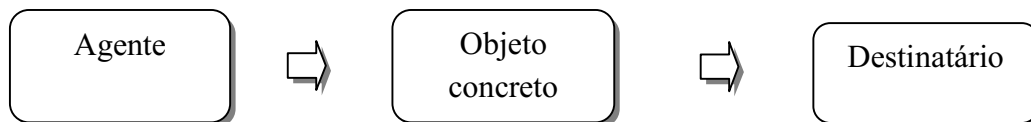
¹⁵Identificamos os diversos sentidos atribuídos ao verbo *dar* com base no dicionário Ferreira (2010).

Tabela 4: Extensões de sentido do verbo *dar*

Múltiplos sentidos	Corpus Português Popular	Corpus Português Culto	Total
Fornecer	14	10	24
Ensinar	2	11	13
Bater	1	2	3
Produzir/gerar	1	4	5
Causar	9	5	14
Combinar/entender	4	3	7
Soar	2	1	3
Possibilidade	19	20	39

Fonte: Elaboração própria

Como já vimos, para o verbo *dar* ser considerado em seu sentido canônico, é necessário que algo seja transferido para alguém. Deve haver, portanto, um agente que transfere um objeto concreto para um destinatário, isto é, $[X_{(\text{agente})} + \text{DAR}_{(\text{algo concreto})} + Y_{(\text{destinatário})}]$, podemos simplificar essa afirmação da seguinte forma:



O que pode ser percebido no enunciado *a pastoral carcerária deve dá atenção pros presidiários* é que nem sempre o objeto transferido é real¹⁶, a construção pode ter um sentido metafórico, assim, o *dar* pode expressar a transferência de informação, conceito, valor ou alguma ideia abstrata. Nesse viés, podemos ordenar os diversos sentidos encontrados do *dar* por grau de afastamento do seu sentido básico, isto é, o grau de transitividade da construção. Para tanto, utilizamos como critério quatro parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980)¹⁷, são eles: participantes, aspecto, intencionalidade e afetamento. Esses parâmetros já são suficientes para determinar o grau de transitividade do verbo. Podemos começar, então, pelo sentido *fornecer*:

- (1) A gente se conheceu, porque a gente, aveiz nas festas, assim, aveiz a gente se encontrava, uma pessoa **dava informação** pra gente e aí não tinha pai, mas tinha tio, juntava mais os pais e falava qualquer informação, no outro, e por aí a gente casava, né. (EJR *Corpus* PPVC)
- (2) É uma questão mesmo pessoal. A gente deu todo suporte dele, tal. A empresa dele lá, que era... que ele fazia parte, num tava dano suporte. Eu cheguei pra o meu gerente, a gente falô “Não, vamo... vamo **dá todo suporte** que ele precisa!” (JLS *Corpus* PCVC)

¹⁶Usamos, na presente pesquisa, o termo real como sinônimo de concreto.

¹⁷Descrevemos os dez parâmetros sintático-semânticos propostos por Hopper e Thompson (1980) na seção Transitividade.

Nos dois exemplos, ocorre uma transferência metafórica. Em (1) temos $[X_{\text{(uma pessoa)}} + \text{DAR}_{\text{(informação)}} + Y_{\text{(gente)}}]$, no qual uma pessoa transfere intencionalmente informações para outra, o destinatário, por sua vez, passa a possuir essas informações, ou seja, é afetado pela mudança da ação. Em (2) $[X_{\text{(nós)}} + \text{DAR}_{\text{(suporte)}} + Y_{\text{(ele)}}]$, o informante pretende ajudar o funcionário, para isso ele fornecerá o suporte necessário. Assim como no primeiro exemplo, o que será transferido possui uma natureza abstrata, há intencionalidade na ação e o paciente é afetado, o funcionário terá a ajuda que precisa. O sentido *fornecer*, utilizado aqui, localiza-se mais próximo do sentido base do verbo *dar* no processo de gramaticalização, pois conserva a noção de transferência, mesmo que metafórica.

Além da extensão *fornecer*, o sentido *ensinar* foi muito utilizado por informantes que são professores. Esse fato explica porque essa extensão de sentido apareceu de forma mais produtiva no *Corpus* do Português Culto. Dessa forma, de acordo com o exemplo (3), temos $[X_{\text{(eu)}} + \text{DAR}_{\text{(treinamento)}} + Y_{\text{(ele)}}]$.

- (3) Quando ele tá sob risco, eu falo “não, tá dessa forma”. **Dô um treinamento**, passo uma palestra, que eu vejo que ele se conscientiza, eu me sinto importante naquela hora. (JLS *Corpus* PCVC)

Entendemos que essa ação também constitui uma transferência metafórica, pois o informante é o responsável pela transferência intencional de informação. No entanto, a ação não está concluída. Além disso, o possuidor do treinamento não está explícito na ocorrência, mas, pelo contexto, podemos considerar que se trata do funcionário do informante, por isso, o nível de transferência deve ser considerado mais baixo em comparação ao sentido *fornecer*.

A terceira extensão, com sentido *bater*, também foi discutida nos dicionários pesquisados, Bluteau (1728), por exemplo, utiliza a expressão *dar em alguém* para se referir a bater em alguém. O verbo *dar* expressa nos *corpora*, então, uma intenção agressiva:

- (4) O professô escrevia um bilhetinho e mandava e ele tinha que entregá [ao] pai aquele bilhetinho, e de lá da casa do pai, o pai recebia aquele bilhetinho, chegava lá, além de ele tê levado uma dúzia de bolo na sala lá [do] que o professô dava, o professô tinha autoridade pra fazê isso... **dava uma dúzia de bolo** e chegava em casa que ele recebia o bilhetinho, pai **dava ôta surra**, ôta disciplina nele. (DAO *Corpus* PCVC)

No exemplo (4), temos dois agentes, o professor e o pai, que agiram intencionalmente, de forma agressiva, podemos dizer, no aluno/filho, o destinatário é, então, afetado pela ação. O verbo *dar*, dessa forma, indica que o menino levou uma surra do professor e do pai. *Dar uma dúzia de bolo* ou *dar uma surra* veicula um evento concluído, o que indica um alto

nível de transitividade, de acordo com os parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980).

Além dessas acepções, o *dar* também é abordado com o sentido de *gerar/produzir*. Verifiquemos em (5) e (6)

- (5) Olha só, a mídia hoje em dia... ela prioriza mais o lado da violência, infelizmente. Você liga a TV, você vê lá muita coisa só notícia ruim, infelizmente, muita violência muita agressão física... muita morte... e... o que é pior todos os canais de televisão cobre isso, né, não sei por que, não sei se é por que **dá muita audiência**... não sei se... num é possível que as pessoas gostam de ver e ouvir esse tipo de coisa, é lamentável, né. (RFV *Corpus* PCVC)
- (6) Espero em Deus que um dia eu consigo, um dia eu vou dizer “consegui, consegui ser aquela... aquela plantinha que... aquela sementinha que caiu na terra boa e produziu e **deu frutos** à vontade” vou **dar**! (JLS *Corpus* PCVC)

Em (5) [$X_{\text{(notícia ruim)}} + \text{DAR}_{\text{(audiência)}}$], não existe um destinatário afetado, nesse sentido, o evento não produz uma situação com intencionalidade ou uma ação concluída. As notícias produzem maior audiência para a televisão, se pensarmos no nível de gramaticalização, esse exemplo se assemelha a categoria de verbo suporte. No exemplo (6) [$X + \text{Dar}_{\text{(frutos)}}$], a informante demonstra perceber a extensão de sentido do *dar*, já que faz uso do verbo *produzir*. Nesse caso, há a intenção de transferir, mas não existe um destinatário e o que será transferido não está claro no contexto, além disso, o evento não possui um tempo determinado, essas razões levam a uma baixa transitividade.

O sentido *gerar/produzir*, por apresentar baixo nível de transferência, se aproxima, então, de categorias mais afastadas do sentido pleno do verbo *dar*. A noção de *causa*, por sua vez, também pode ser enquadrada na categoria de verbo suporte. Ao tratar do verbo causativo, Rassi e Vale (2013) afirmam que o verbo *dar*, nesses casos, pode indicar uma causa provocada por um argumento, é o caso de (a) *o exercício físico dá sede em Ana*, ou indicar uma atribuição, em que o agente atribui alguma característica ao objeto, como em (b) *Zé deu transparência ao processo*. (RASSI E VALE, 2013, p.115/116). A ocorrência (7) encontrada nos *corpora* se assemelha ao exemplo (a) das autoras, pois o verbo *dar* possui o conteúdo semântico de causa.

- (7) Mas é preferível a família sentá pra conversa do que vê a tragédia lá na televisão que só vai **dá angústia** só... só vai **dá medo**, então, na hora que cê tá almoçando, você nem vai conseguir digerir essa comida *magine* aquel' sofrimento, então a gente sab' que in... infelizmente tem. (JVB *Corpus* PCVC)

No exemplo (7) [$X_{\text{(televisão)}}+V_{\text{(causativo)}}+Y_{\text{(quem assiste)}}$], a predicação é um sentimento, ele não é gerado intencionalmente, mas afeta a informante. Assistir à tragédia na televisão transmite angústia e medo para quem está assistindo. Esse evento não possui um término ou um agente humano, mas o contexto indica a certeza de que a ação ocorrerá. O verbo *dar*, nesse caso, portanto, possui o sentido de causa, a tragédia, portanto, causa angústia e medo.

Temos, na ocorrência (8), o verbo *dar* com o sentido de *combinar/entender* em três momentos, nesse exemplo, não há como avaliar os parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980).

- (8) Eu **dô bem** com todo mundo, *graças a* Deus. Eu **dô bem** com todo mundo, eu num *sô de fica bigan* com *vizim* [...] eu gosto do frio, num gosto muito é do calô, que eu num **dô bem com o calô**. (CDS *Corpus* PPVC)

O verbo *dar* é usado como uma expressão construída por uma sequência relativamente fixa na língua. A informante usa a expressão [$P_{\text{(eu)}}+V_{\text{(dar)}} + \text{bem}$] *eu dô bem* para dizer que consegue se relacionar de forma adequada com todo mundo e que não consegue se adequar à temperatura quente. O *dar*, novamente, perde o seu valor semântico básico para possuir, então, uma extensão semântica, próxima ao verbo sentir.

A extensão de sentido *soar*, assim como as acepções *produzir/gerar*, *causar* e *combinar/entender*, está num processo mais avançado de gramaticalização. Observemos:

- (9) Quando é frio, é bem frio, frio honesto, **frio que dá duas horas** assim a gente está congelando, é... e depois tem verão, faz calô, Conquista tem um clima maravilhoso, rapaz, muito bom! (AIRM *Corpus* PCVC)

Alguns lexicógrafos, como Houaiss *et al* (2009) e Ferreira (2010), afirmam que, nesse tipo de ocorrência, o *dar* substitui o verbo *soar* que indica horas ou algum horário específico. Atualmente, o verbo “soar” é pouco utilizado na língua falada, por isso podemos afirmar que o verbo *dar* está se cristalizando nesse tipo de estrutura. Com relação aos parâmetros analisados, o evento é concluído, pois há uma mudança no clima devido ao horário.

Em casos em que o verbo *dar* passa a significar *possibilidade*, também não é possível identificar os parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980). As ocorrências (10) e (11) exemplificam isso:

- (10) Tem aquela questão financeira que você sabe que... não é... não é tão atrativa assim você participar mais... se fosse o último caso... dá pra... **dá pra manter** pelo menos os estudos, né, que é claro o objetivo é desse de... da pessoa ta ali é... estudando e... engajado no... no projeto pra... sustentá nos estudos. (RFV *Corpus* PCVC)

- (11) DOC: E a renda dele é boa, assim, que dá pra sustentar a família?
 INF: Dá pa sustentar... dápa levar... a renda dele dá pa sustentar. (CDS *Corpus* PPVC)

Aqui, percebemos uma extensão de sentido do verbo *dar*, visto que ele indica possibilidade. Poderia ser dito, então, *é possível manter pelo menos os estudos*, no exemplo (10); *ou é possível sustentar* no exemplo (11). O *dar*, portanto, não expressa transitividade, notamos que esse item passa a ter sentidos distintos ao passo que o processo de gramaticalização aumenta. Essa extensão de sentido segue uma estrutura fixa na língua, em que $[V_{(dar)} + pra/pa + V_{(infinitivo)}]$, como se apresenta nos exemplos (10) e (11).

Nesta subseção, elencamos as extensões de sentido do verbo *dar* de acordo com o processo de gramaticalização de cada caso. O *dar*, então, de acordo com as ocorrências encontradas nos *corpora*, possui nove extensões de sentido:



Figura 6: Extensões de sentido do verbo *dar*
 Fonte: Elaboração própria

Iniciamos por *fornecer*, *ensinar*, *bater* e *produzir*, pois esses verbos conservam a ideia de transferência, variando apenas o grau de abstração de cada ocorrência. *Causar*, *combinar*, *soar* e *possibilidade*, no processo de gramaticalização, localizam-se mais afastados da noção de transferência, na medida em que envolvem outras ações. Maciel (2005), ao estudar os sentidos de construções lexicais complexas constituídas com o verbo *dar* (CLCDs), afirma que

[...] pode-se constatar que o sentido da construção central DOAÇÃO é irradiado para outros sentidos, de forma total, como por exemplo, na CLCDs ‘dar carinho’ ou de forma parcial, como ocorre na CLCDs ‘dar vontade’ ou é totalmente apagada como ocorre em construções ‘dar por água abaixo’. (MACIEL, 2005, p. 112)

O autor ainda assevera que, por meio das metáforas irradiadas do verbo *dar*, podemos perceber que as expressões “formam um mecanismo sistemático para expressar os diversos aspectos do ato de doar intrínseco ao homem” (MACIEL, 2005, p. 119). Esteves (2008) também descreve as extensões de sentido do verbo *dar*, em sua pesquisa, o *dar* possui oito acepções distintas, são elas: fornecer; atribuir; ensinar; produzir; causar; bater; ocorrer e ter. Algumas dessas acepções foram empregadas pelos informantes nos *corpora* investigados por nós, no entanto, a extensão de sentido *bater*, para Esteves (2008, p.119), indica horas, como no exemplo *quando deu a hora de nós irmos para a escola [...]*.

Em termos linguísticos, podemos afirmar que o uso do verbo *dar* em seus respectivos sentidos sofre variação por parte do informante que, a depender do contexto ou da situação de uso, manipula o verbo e atribui-lhe a expressividade desejada e necessária ao ato interativo. Ao lado disso, em termos sociolinguísticos, podemos, ainda, averiguar que o uso do verbo *dar* em seus múltiplos sentidos, nas mãos do informante, sofre variação de acordo, sobretudo, com a variável social nível de escolarização.

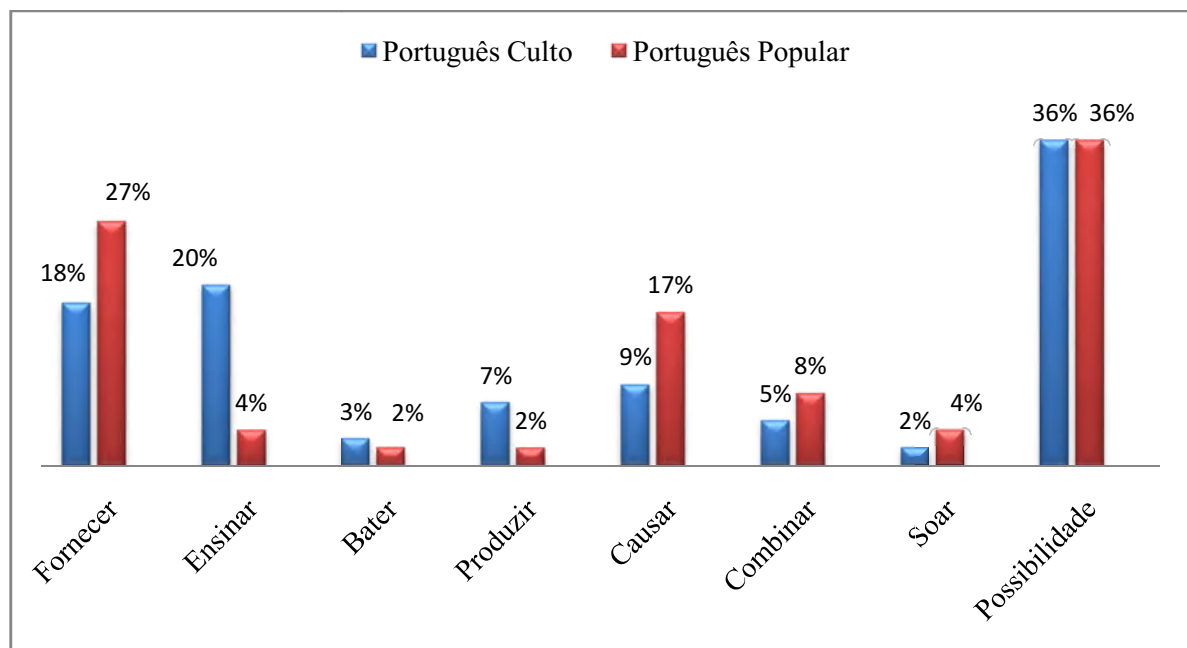


Gráfico 1: Extensões de sentido do verbo *dar* utilizadas pelos informantes dos *corpora*
 Fonte: Elaboração própria

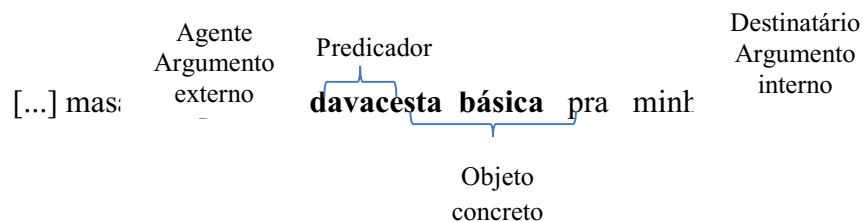
Dar como fornecer foi empregado 24 vezes no total, isto é, em 22%, enquanto o sentido mais gramaticalizado do verbo, *dar é possibilidade*, apareceu em 39 ocorrências, 36% no total. Isso evidencia que fatores sociais são determinantes para influenciar a heterogeneidade linguística. O informante, ao utilizar as extensões de sentido do verbo *dar* no lugar de um verbo pleno correspondente, demonstra que o acesso a alguns conhecimentos possibilita que o falante tenha mais opções semânticas para se expressar.

5.1.2 *Continuum de gramaticalização do verbo dar*

No processo de gramaticalização do verbo *dar*, um valor novo atribuído a esse verbo implica a existência de um valor anterior, isso contribui para que esse item possa atuar como verbo pleno, verbo pleno abstrato, verbo suporte, verbo suporte integrante de construções *x-ada* e como expressão idiomática. Por esse motivo, consideramos que existe um *continuum* entre as categorias verbais. Ressaltamos que as estruturas foram analisadas à direita do verbo, além disso, não determinamos limites entre cada categoria, visto que não há uma grande diferença entre uma classe e outra.

5.1.2.1 Verbo pleno

O verbo *dar*, como discorremos nas subseções *Verbo pleno* e em *Múltiplos sentidos*, possui, como sentido primeiro, o valor semântico de transferência. O *dar*, em seu conteúdo semântico básico, portanto, exige dois elementos: um *agente* e um *destinatário*. Desse modo, o *agente* é o elemento responsável, na sentença, pela transferência física de um objeto concreto a um *destinatário*. Esses dois elementos que completam a sentença são conhecidos, também, como argumentos, sendo um externo, o sujeito, e um interno, o objeto. Já o item lexical que necessita de dois elementos na sentença é conhecido como predicado. Podemos exemplificar essa estrutura com uma ocorrência extraída dos *corpora*, (ESP *Corpus PPVC*)



Dessa forma, de acordo com o exemplo, existe uma relação de sentido entre o predicado (verbo *dar*) e os argumentos *pai* e *mãe*. Além disso, o verbo *dar* em seu sentido pleno exige que o agente e o destinatário tenham o traço [+ animado], sendo assim um objeto não poderia substituir o agente *pai*, por exemplo.

A forma plena mais prototípica do verbo *darnão* foi utilizada nos *corpora* com muita frequência, encontramos um número muito inferior comparado às ocorrências com verbosuporte.

- (12) Aí o pai **dáum livro** pra ele. (JLS *Corpus* PCVC)
- (13) Os pais num têm condição de **dáaquele brinquedo** pra ele. (JVB *Corpus* PCVC)
- (14) Eu me lembro que ela me tirô num amigo secreto e me **deu um disco**, um LP na época. (PARC *Corpus* PCVC)
- (15) Ai eu falei, Jonas pra que que tu fez isso comigo, mos? Tu que foi o culpado. Eu já tudo certinha lá pra alugar meu vestido, tu me **dáaquele trem fei** pra mim puder vesti. (AAB *Corpus* PPVC)
- (16) Hoje a gente acha fácil **dá as coisa** o filho da gente... a gente faz esforço e dá coisa boa. (JVB *Corpus* PCVC)

Nas ocorrências (12) a (16), observamos o mesmo padrão de uso para o verbo *dar*: um objeto concreto é transferido, seja um livro, um brinquedo, um disco, um vestido, as coisas, das mãos dos agentes pais/pai, amiga oculta e maridoaos destinatários filho, esposa e amigo oculto. Ratificando esse padrão, Rassi e Vale (2013) argumentam que, para que o verbo *dar* seja considerado pleno, deve apresentar um sujeito humano, um agente que é responsável pela transferência física de um objeto concreto a um beneficiário. Maciel (2005), por sua vez, apresenta uma construção para determinar o sentido básico do verbo *dar*, a saber: X *dar* Y a alguém - (doação/entrega) e afirma que estruturas desse tipo estão disponíveis na mente do falante como arquivo cognitivo.

Certamente, a partir da frequência de uso do verbo *dar* no sentido pleno, no qual o objeto a ser transferido é de natureza concreta, outras construções na língua, nas quais o verbo *dar* possui, como argumento interno, um objeto de natureza abstrata, foram criadas. Por esse motivo, compreendemos, diante dessa percepção, que, nessa categoria do verbo pleno, há uma subcategoria do verbo pleno abstrato.

5.1.2.1.1 Verbo pleno abstrato

Outra categoria analisada nos *corpora* se distingue um pouco da categoria anterior. Nesse caso, algo é transmitido, mas não um objeto concreto, como ocorre com o verbo pleno, e sim algo que possui um traço mais abstrato, como na ocorrência (17), quando *qualificação* e *recursos* serão os objetos transferidos; e, nas ocorrências (18), (19) e (20) quando os elementos abstratos, como *trabalho*, *carinho* e *atenção*, são os complementos do verbo *dar*.

(17) Os docentes pra que vão passar aquela educação **dá a eles mais qualificação, dá a eles recursos**. (LCS *Corpus* PCVC)

(18) Pra num ficar **dano trabalho** pra minha mãe. (WSO *Corpus* PPVC)

(19) Como minha mãe é tudo bom, né? Ela brinca comi::go as vez eu **dou carinho** pra ela... ela **dá carinho pra mim**. (LBR *Corpus* PPVC)

(20) Já toca os jovens, já muda uma... o modo de que... da juventude de olhar pro mundo, né, tem a pastoral carcerária que **dá uma maior atenção** pros presidiários. (CBS *Corpus* PCVC)

Assim como na categoria verbo pleno, o verbo *dar* requer um agente e um destinatário; na categoria verbo pleno abstrato, a diferença, apenas, é que o objeto que será transferido possui um traço [+abstrato]. No entanto, nem sempre o *dar* é utilizado com sentido de transferência e possui agente e destinatário, como veremos na próxima categoria.

De acordo com Lima-Hernandes (2011), o processo de gramaticalização prevê a ampliação de uso sintático-semântico de formas já existentes na língua: “as formas vão diacronicamente assumindo funções pertinentes a palavras de outras categorias gramaticais” (LIMA-HERNANDES, 2011, p. 69). Esse processo ocorre com o verbo *dar*, já que a frequência no seu uso possibilita que o verbo perca algumas propriedades e que passe por um processo de ressemantização. Portanto, diante dos exemplos, podemos comprovar que o verbo *dar* está passando pelo processo de gramaticalização em função do seu caráter abstrato, e, conseqüentemente, das possibilidades de uso que são possíveis a esse verbo na língua.

5.1.2.2 Verbo suporte

As construções com verbo suporte correspondem à associação de um verbo semanticamente esvaziado com um sintagma nominal. Dessa forma, a união desses dois

vocábulos constitui um significado total. Com o verbo *dar*, a rigor, temos construções como *dar valor*, *dar início*, que correspondem a valorizar e iniciar, respectivamente. Desse modo, fica evidente que o verbo suporte rompe com o princípio da economia linguística e com o a condição gramatical padrão de verbo para construir um novo significado.

A associação do verbo com o nome foi utilizada com grande frequência nos *corpora*, principalmente para substituir o verbo valorizar, vejamos:

- (21) Eu tive assim, mas o que eu tinha eu tinha mais cuidado eu não destruía e hoj' meu filh' tem tudo e muitas vezes não **dá valor** a gente. (JVB *Corpus* PCVC)
(equivale a *valoriza*)
- (22) Tá pensando que é um... um fogos uma bomba que tá [estourando] é um tiro de uma arma é um... uma pessoa que tá **dando tiro** e isso aí cê num sabe definí, né? Então eu mesmo... eu mesmo num gosto dessas... dessas festas. (DAO *Corpus* PCVC)
(equivale a *atirando*)
- (23) [...] minha cunhada eu vivo bem, meu sogro num me responde... me xinga eu num dô ouvido, que ele num tá... numdô ouvido, aí e... num**dôligança**, vive muito bem. (CDS *Corpus* PPVC)
(equivale a *ligo*)
- (24) [...] sem dizer que um DVD cê pode **dar pausa** nele, né? Sair e voltar /voltar/ e assistir e a novela não. (AAB *Corpus* PPVC)
(equivale a *pausar*)

Além dessa estrutura, o verbo suporte permite, em vários casos, uma referenciação que não seria possível com verbos plenos. Para Neves (1996), a criação de um referente na posição argumental caracteriza um afastamento do que poderia ser considerado o protótipo de construções com verbo suporte, dentre os tipos de referenciação. A autora destaca as que são formadas com o artigo definido ou com o artigo indefinido, a exemplos de:

- (25) Dotor Neto tratando dela dizendo que era um mioma, mioma, depois que ela morreu foi que ele **deu o agnóstico** dizendo que era câncer, que era leucemia. (MJPS *Corpus* PPVC)
(equivale a *diagnosticou*)
- (26) É... aí, teve uma vez que [um] rapaz **deuum tiro** lá no bar, acertô num lito de bebida lá. (SAA *Corpus* PPVC)
(equivale a *atirou*)
- (27)(32) Se podia sair então eles **dava a ordem** falava assim: “Vai, mas nove hora tem que tá em casa.” (EFO *Corpus* PPVC)
(equivale a *ordenavam*)
- (28) Só tem um vizinho que de vez em quando gosta de **dá uma festinha** no final de semana e perturba o sono (ASA *Corpus* PCVC)
(equivale a *festejar*)

- (29)[...] no dia que José Cordeiro descobriu olhando para um quadro de giz, quadro de madeira de giz, que juntando pá com o som i dava pai, ele **deu um grito** “pai!”, fantástico isso, uma coisa que nunca saiu de minha lembrança. (AIRM *Corpus PCVC*)
(equivale a *gritou*)

Neves (1996) afirma que o artigo definido permite ao ouvinte delimitar o conjunto de objetos da referência e o artigo indefinido, por sua vez, não possibilita ao ouvinte determinar os referentes que estão sendo incluídos ou excluídos na referência. A esse respeito, Davel (2009) assevera que o artigo indefinido *uns* denota a ideia de indeterminação, enquanto *um* tem comportamento de especificador.

Com relação ao artigo definido, ainda de acordo com Davel (2009), é utilizado para apresentar um ser ou objeto isolado, bem como para substituir o pronome demonstrativo *aquela*, que pode ressaltar uma situação específica. Como podemos observar, da construção 21 até a 29, o verbo suporte pode ser substituído por um verbo pleno equivalente, no entanto, nem sempre é possível fazer essa paráfrase. Encontramos nos *corpora* pesquisados alguns exemplos, é o caso de:

- (30)Uma vez a gente foi lá no jardim aí começou **dá as volta** lá. (WSO *Corpus PPVC*)
(equivale a *passar*)

- (31)Minha mãe falava, só faltava **dápeito**, só faltava **dá peito** os menino. (ESP *Corpus PPVC*)
(equivale a *amamentar*)

- (32)DOC: Lá na Grécia os monumentos continuam intactos?
INF: Muitos sim
DOC: Escritos também
INF: Eu acredito que sim. Escritos eu não posso te **dá certeza**, mas eu acredito que sim. (ASL*Corpus PCVC*)
(equivale a *confirmar*)

- (33)Os deuses precisam de adoração pra sobrevivê aí os deuses começam a ficá fracos e Zeus fala com...com Teseu pra... com Perseu pra ele sei lá, **dá um jeito** de reconquistá o louvô dos humanos. (FSLB*Corpus PCVC*)
(equivale a *conseguir*)

Observamos que o verbo *dar*, ao passar pelo processo de gramaticalização, não perde totalmente as suas propriedades originais, ele ganha novas propriedades que possibilitam a criação de novas categorias gramaticais. Palavras frequentemente utilizadas na língua passam por um processo de desbotamento semântico, é o que ocorre com o verbo *dar* que perde a sua força expressiva, o falante, então, recorre a outros elementos linguísticos com o intuito de buscar maior expressividade.

O emprego do verbo *dar*, em diferentes contextos, acarreta uma espécie de ressemantização, esse processo contribui para que tal item passe pela assimilação de algumas propriedades da categoria de verbo suporte, como pode ser constatado nos exemplos a seguir:

- (34) Quando **dava** dez horas eu preocupava em voltar que minha mãe ficava preocupada (RFV *Corpus* PCVC)
- (35) Aquelas montanhas e o mar adentra aquelas montanhas, assim, uma visão fantástica! E tem uma cidade que... **quedá acesso** a essas localidades, chama-se Berge. (PARC *Corpus* PCVC)
- (36) A ligação entre os vizinhos, né, era um... eram laços que se criavam eh... sólidos mesmo, de fato. Hoje em dia não, hoje em dia não é mais assim, eu basicamente... a gente conhece **dá bom dia**, boa tarde (AIRM *Corpus* PCVC)
- (37) Gosta muito de **dar na vida** dos oto. (EJR *Corpus* PPVC)

O exemplo (34) ratifica a ideia de que o verbo suporte pode, em alguns casos, ser substituído por um verbo pleno de mesmo valor, pois o verbo *soar* é substituído pelo *dar*. Os lexicógrafos Houaiss *et al* (2009) e Ferreira (2010) apresentam essa acepção, como destacamos na subseção etimologia verbal. O verbo *soar* é pouco utilizado na língua falada, por isso afirmar que o *dar* está se cristalizando nesse tipo de estrutura é um argumento bastante válido.

A expressão *dá acesso* em (35) equivale a *caminho*, existe um caminho que liga a cidade às localidades que o informante deseja conhecer, Bluteau (1728) apresentou essa extensão de sentido em seu dicionário *Vocabulário português latino*. Na ocorrência (36), o verbo *dar* substitui o verbo *desejar*, se pensarmos no valor semântico da construção, podemos dizer que existe uma transferência metafórica que seria um desejo de bom dia para alguém.

Na última ocorrência, *gosta muito dedar na vida dos oto*, a ideia de transferência de um objeto é substituída por uma ação, o verbo perde o seu valor semântico básico de transferência. Nesse caso, a expressão composta pelo verbo *dar* funcionaria como “fofocar”. Bluteau (1728) traz, em seu dicionário, como já observamos, a expressão *dar em todos* que pode ser substituído por *dizer mal de todos*, construção semelhante à usada pela informante. Dessa forma, notamos que a extensão de sentido *fofocar* não é nova, visto que ela já era utilizada há mais de três séculos.

Afirmamos que o verbo suporte é esvaziado semanticamente, mas isso não significa que ele seja totalmente vazio, o verbo *dar*, por exemplo, ao se juntar com o nome, contribui

para o significado total da construção, desse modo, o verbo fornece valor semântico para a construção do sentido da oração.

Para Davel (2009), não ocorre um completo esvaziamento lexical, pois os verbos suporte conservam alguns traços semânticos genéricos que colaboram para maior integração entre verbo e nome nas perífrases. Nessa perspectiva, já que entendemos que os verbos suporte possuem valor semântico, é importante destacar os tipos semânticos em que podem ser enquadrados, a saber: ação, estado e processo, como já mencionamos na subseção *Em algumas gramáticas*, conforme Neves (1996).

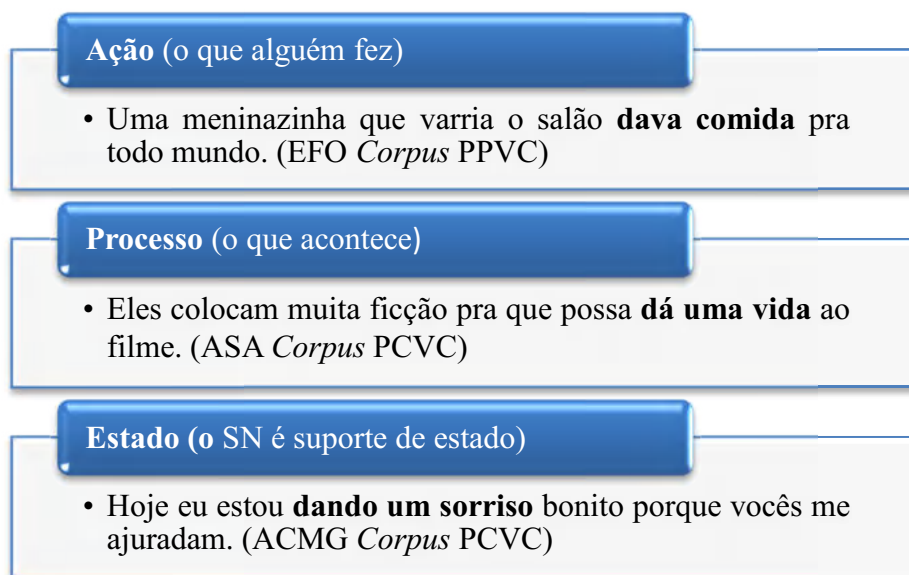


Figura 7: Tipos semânticos do verbo suporte
Fonte: Elaboração própria

Os verbos suporte podem, então, ocorrer com carga semântica variada. Nesse sentido, o falante poderá optar pelo efeito semântico que deseja transmitir. Neves (1996) discorre sobre as razões que levam o falante a escolher um verbo suporte, são elas: maior versatilidade sintática, maior adequação comunicativa, maior precisão semântica, e, por fim, maior efeito na configuração textual.

Obtém-se maior **versatilidade sintática** com o uso do verbo suporte em comparação ao uso de um predicador verbal simples, pois, com o emprego de predicadores complexos, pode-se conseguir melhor condição de qualificação. Verificamos as ocorrências nos *corpora* e identificamos dois exemplos de qualificação.

(38) Às vezes eu gosto de passeá, de ir ao shopping, de... decomprá, eu gosto muito de comprá. As vezes eu sou um pôco compulsiva. Eu acho que... **dá mais ou menos prasabê** quem eu sou. (ASA *Corpus* PCVC)

(39) E também parar de **dar tanto valor** ao trabalho e começar a **dar mais valor** à família.
(JLS *Corpus* PCVC)

Na construção (38), o enunciado como *é possível mais ou menos saber quem eu sou*, e, na construção (39), a paráfrase com o verbo pleno, como *parar de valorizar tanto o trabalho e valorizar mais à família* não produzem, como podemos perceber, o mesmo efeito de sentido, já que o verbo pleno transmite maior intensidade da ação.

A existência de construções com predicadores complexos que podem ser substituídos por um verbo pleno ressalta a possibilidade de empregar duas construções com valor semântico próximo. Portanto, a **adequação comunicativa** pode significar que a escolha pelo verbo suporte é mais coloquial do que o correspondente pleno. Desse modo, nessa adequação, o falante pretende obter maior efeito pragmático pela natureza da expressão. A adequação de registro pode ocorrer de várias maneiras, como, por exemplo, em uma linguagem já cristalizada em determinada área. Conforme podemos verificar nos exemplos:

(40) Eu **dei banca** assim... na minha casa, eu ensinei os meninos a ler e a escrever ao mesmo tempo (JVB *Corpus* PCVC)

(41) Porque se os pais fô lá e **dá quêxa** é capaz do professôinté preso. (SAA *Corpus* PPVC)

(42) Assim, eu sei **dá química** no cabelo, né? (ESP *Corpus* PPVC)

(43) Eu vô uma vez por semana das seis às sete horas e **dô duas aulas** de monitoria pra dois alunos. (FSL *Corpus* PCVC)

Nessas situações, fica evidente, portanto, que não caberia, para o mesmo efeito de sentido, um verbo pleno correspondente ou outra construção para substituir a estrutura com verbo suporte. No exemplo (40), poderia ser dito reforço escolar, mas *dar banca* já é um jargão muito conhecido da área, o mesmo acontece com *dá queixa* que substitui o verbo *reclamar*. No exemplo (42), o *dar* substitui o verbo *aplicar* nos jargões de salões de beleza e, no exemplo (43), *dar aula* se tornou uma expressão corriqueira entre professores. Todas as expressões com o verbo *dar* são facilmente compreendidas e homologas em seus contextos de uso.

Nos próximos exemplos, notamos mais uma adequação comunicativa, já que a construção com verbo suporte caracteriza uma situação informal.

(44) Eu tava na companhia de pessoas maravilhosas, que assistiu comigo...a gente **deu muita gargalhada**. (LCS *Corpus* PCVC)

(45) A Noruega é patrimônio cultural da humanidade. Eu quero ir lá. E já estando ali, eu quero vê se eu **dô uma esticada** até Moscou. (PAR *Corpus* PCVC)

Mais uma vez, facilmente percebemos que os efeitos pragmáticos dos exemplos não seriam os mesmos com o uso de um verbo pleno, sendo que *dar muita gargalhada* denomina uma situação informal, provavelmente com amigos próximos que se divertiam. No Exemplo (45), *dou uma esticada* não significa apenas que o informante pretende viajar até Moscou, e sim que pretende prolongar um pouco mais a viagem que fez para a Noruega para conhecer Moscou. Os exemplos (44) e (45) também integram construções *dar uma x-ada*, discutiremos sobre tais estruturas na próxima subseção.

Também é possível ter maior eficiência comunicativa com o uso do verbo suporte, para Neves (1996), o emprego desses verbos sugere “gestos, movimentos, atitudes, intenções que configurem mais propriamente ações, processos e estados verbalizados. Assim, atuam, por exemplo, construções como *soltar um grito* (face a gritar) [...] *abrir um riso* (face a rir)” (NEVES, 1996, p. 228). Encontramos nos *corpora* ocorrências com essa eficiência comunicativa.

(46) Mas, coisa assim, que marcou mesmo, que até hoje eu **dô risada**, que eu brinco, conto pros amigos, é que eu fui expulsa da sala. (LCS *Corpus* PCVC)

(47) No dia que José Cordeiro descobriu olhando para um quadro de giz, quadro de madeira de giz, que juntando *pá* com o som *i* dava pai, ele **deu um grito** “pai!” Fantástico isso, uma coisa que nunca saiu de minha lembrança. (AIRM *Corpus* PCVC)

Dentre os efeitos com o uso do verbo suporte, temos, ainda, a maior **precisão semântica**, que pode marcar mais efetivamente um determinado papel semântico. Isso ocorreu em algumas construções retiradas dos *corpora*.

(48) Uma gaivota... sabia voar então nesse voo que ela ia **dar** ela passava por várias etapas da vida. (JVB *Corpus* PCVC)

(49) Nós **damos muita ênfase** ao futebol no Brasil, eu acho que a gente deveria ser mais crítico em relação a isso. (HFDS *Corpus* PCVC)

Nos dois casos, o verbo suporte é utilizado para marcar os diferentes papéis semânticos, isto é, o voo da gaivota e o destaque ao futebol brasileiro. Ademais, a construção

com verbo suporte também pode marcar o valor de frequência do predicado. É notório, em tais exemplos, o esvaziamento semântico e, por outro lado, a aquisição de um outro padrão, no que diz respeito à transferência de algo (concreto) para alguém.

(50) Que tem o tempo das água que eles conhece na roça que é o tempo que **dá chuva** aí faz as plantação na roça e no tempo da seca aí não tem o fazê nessas roça. (DAO *Corpus PCVC*)

(51) A gente pelava tudo, caia os cabelo tudo igual esse cânce que tá **dano**, né? (EJR *Corpus PPVC*)

Em (50) e (51), o verbo *dar* possui valor vinculado à frequência, mas, no exemplo (50), o informante diz que o tempo das águas é conhecido por chover com frequência, dessa forma, além do valor vinculado à constância, há o valor da brevidade na duração da chuva que acontece, segundo o informante, com essa intensidade, no tempo das águas.

Para obtenção de efeito na **configuração textual**, o verbo suporte permite fazer remissão textual por meio do emprego de fóricos no sintagma nominal. Dentre as formas de remissão textual, tem-se a anáfora representada no exemplo *o social o aspecto social não podemos levar em consideração? Já fizeram essa pergunta a Bernadete? Que equivale a perguntei isso*, e tem-se a catafórica, é o caso de *é claro, eu dei o seguinte exemplo em uma aula anterior, para exemplifiquei o seguinte modo*. (NEVES, 1996, p. 233). Não encontramos nos *corpora* construções com verbo suporte que indicassem remissão textual.

Portanto, de acordo com Neves (1996), podemos afirmar que o uso do verbo suporte corresponde ao efeito de sentido que o falante deseja, já o uso do verbo pleno correspondente significa intensidade da ação, nesse sentido, temos:

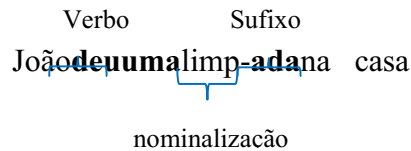


Nessa perspectiva, com base dos efeitos de sentido propostos por Neves (1996), podemos afirmar que, diante de uma escolha entre o verbo suporte ou pleno, existe sempre a intenção do falante em criar efeitos de sentido. Dessa forma, podemos afirmar que o falante,

até de modo inconsciente, inova o seu vocabulário de acordo com as suas necessidades comunicativas, buscando uma maior expressividade na interlocução.

5.1.2.2.1 X – ada

A estrutura *dar um x-ada* possui um significado global que deve ser entendido por meio do significado parcial dos elementos. Scher (2005), a esse respeito, corrobora com estudos sobre as construções com verbo suporte. A autora observa que os responsáveis pelas associações temáticas de uma construção com verbo suporte são os elementos nominais que os compõem, formando os predicados complexos. A linguista, assim, desenvolve um trabalho sobre as construções com o verbo *dar* como resultado da associação desse verbo a uma nominalização em *-ada* (*dar uma X-ada*). Dessa forma, temos:



Observamos que o verbo *dar*, apesar do processo de gramaticalização, conserva algumas características prototípicas. Não existe na oração um destinatário ou a transferência de um objeto, mas, por outro lado, há um agente sujeito que pratica a ação intencionalmente e um complemento que será afetado. Porém, o acréscimo do sufixo *-ada* modifica semanticamente o sentido global na oração.

Os sufixos, além de alterar a classe gramatical da palavra, podem atribuir diferentes funções à base, podem, por exemplo, acarretar consequências sintáticas, bem como somar carga semântica à palavra. Para Davel (2009), os sufixos podem adquirir vários sentidos de uso, como ocorre nos exemplos (52) e (53), apresentados pela própria autora:

(52) Ana **deu uma colherada** de mel ao menino¹⁸

(53) Ana **deu uma colherada** na cabeça do menino

As duas construções são distintas semanticamente, em (52), *colherada* significa um instrumento de medida. A partir disso, sabemos que se refere, nesse contexto, a uma porção/ medida por uma colher, o vocábulo *mel* contribui para explicar/complementar o sentido da colherada. Em (53), por outro lado, a colher é usada como um instrumento de agressão.

¹⁸Em Davel (2009, p.50), os exemplos correspondem a k) e l)

As construções com *dar uma x-ada* nos *corpora* foram empregadas apenas com um verbo, e são formadas apenas por locuções verbais. A esse respeito, Davel (2009) afirma que a forma verbal contribui para a nominalização, pois a construção deverbal se deve à existência de paráfrases com os verbos que serviam de base para as nominalizações.

(54) Mas assim, eu vou descansar um pouco, né, vô também **dar uma estudada** pros processos de especialização que vai ter agora, processo seletivo. (CBS *Corpus* PCVC)

(55) Eu não gosto muito de ficá dento de casa não. Gosto de sair mais minha namorada, chamo ela **padá umas andada** por aí. (LBR *Corpus* PPVC)

(56) **Dá uma viajadinha** pra lá pra São Paulo (CDS *Corpus* PPVC)

(57) Tem pessoas que já **dá uma puxadinha** algum, em algum sotaque, né. (RFV *Corpus* PCVC)

A ocorrência (54), assim como propõe Scher (2005), possui o sentido de um pouco, pois o informante além de descansar, pretende estudar um pouco, a interpretação de diminutivização também ocorre na ocorrência (55). Nesse sentido, podemos esquematizar a construção em $[V_{dar} + uma + X_{(deverbal)} + ada]$ e podemos afirmar que, muitas vezes, traz o sentido de *um pouco*. Nos dois últimos casos, ocorre uma variação do modelo proposto pela autora, visto que a nominalização não é mais *ada*, mas, sim, *adinha*, percebemos que, para oferecer maior ênfase à viagem rápida, a informante utiliza, além da construção supramencionada, o diminutivo, o que resultaria em uma adaptação da representação em $[V_{dar} + uma + X_{(deverbal)} + adinha]$. Sobre a variação marcando o grau de diminutivo, Davel (2009) afirma que este tipo de estrutura é muito frequente e denota maior brevidade da ação e, para nós, a partir da análise dos excertos em nossos *corpora*, há uma configuração ainda maior de diminuição em relação à estrutura com *x-ada*. Assim, se o *x-ada* corresponde, a nosso ver, *aum pouco*; a estrutura *X + adinha*, com o uso do diminutivo, reforça ainda mais esse *um pouco* em uma gradação mais reduzida. Dessa forma, se dizer *vou dar uma estudada* já significa estudar pouco; dizer *vou dar uma estudadinha*, por seu turno, possui em seu significado uma força mais branda, típica do sufixo *inha*.

Nas quatro ocorrências seria possível parafrasear a construção por um verbo pleno correspondente, dessa forma, os informantes poderiam dizer:

(58) Mas assim, eu vou descansar um pouco, né, vô também **estudar** pros processos de especialização que vai ter agora, processo seletivo. (CBS *Corpus* PCVC)

(59) Eu não gosto muito de ficá dento de casa não. Gosto de sair mais minha namorada, chamo ela pa**andar** por aí. (LBR *Corpus* PPVC)

(60) **Viajar** pra lá pra São Paulo (CDS *Corpus* PPVC)

(61) Tem pessoas que já **puxamni** algum, em algum sotaque, né. (RFV *Corpus* PCVC)

No entanto, com o uso do verbo pleno correspondente, a oração perderia a interpretação de diminutivização. Observamos que, apenas, a presença do verbo *dar* na nos exemplos não seria suficiente para a interpretação de um pouco. Portanto, mesmo com o verbo *dar* na oração, por exemplo, o João *deu uma explicação* para o problema, ainda não seria possível a interpretação de *um pouco*. Portanto, somente a associação entre o verbo suporte *dar* e a nominalização em *adapode* garantir a interpretação de *um pouco*. (SCHER, 2005, p. 19). De acordo com o que discutimos nessa subseção, podemos diferenciar os efeitos de sentido entre o verbo pleno e x-ada.



Figura 9: Diferença entre verbo pleno e x-ada

Estudos recentes¹⁹ demonstram que as estruturas *dar uma x-adamerecem* um tratamento especial devido ao alto teor de produtividade. Nos *corpora* analisados, no entanto, a construção não foi utilizada com frequência pelos informantes.

Buscamos, portanto, classificar o verbo *dar* com base em elementos que exemplificam as características mais próximas e mais distantes do modelo prototípico, essa perspectiva permitiu, então, a construção do *continuum* de gramaticalização do verbo *dar*. Dessa forma, entendemos que a construção x-ada é o modelo mais gramaticalizado, por apresentar uma extensão de sentido que mais se distancia do valor semântico básico de transferência do *dar*.

¹⁹ Esteves (2008), Maciel (2005), Davel (2009)

5.1.2.3 Expressões idiomáticas

As expressões idiomáticas, também conhecidas como expressões cristalizadas, construções lexicais complexas, fraseologismo, idiomatismo, enunciados fixos, entre outros, representam unidades lexicais que devem ser compreendidas pelo significado total das suas partes, não devendo ser analisadas isoladamente. Nesse sentido, podemos afirmar que constituem elementos linguísticos que adquiriram um sentido convencionalizado pela sociedade e que, por esse motivo, são expressões peculiares de um idioma que são compreendidas no encadeamento proposto. Tal processo de idiomatismo foi observado nos *corpora* em análise. Observemos os exemplos:

(62) A dificuldade é muito pra mim e eu tenho que ficar é aqui, eu tenho que **dá o osso** aqui. (EJR *Corpus* PPVC)

(63) Deixa aqui se eu lembro... agora **dá um branco**. (ESP *Corpus* PPVC)

(64) Eu fiquei triste com essa pessoa que eu **dei a mão**, né, eu ajudei no que eu pude e no entanto ela não mediu esforço, ela prejudicô uma e no entanto, nessa menina que ela prejudicô, ela me prejudicô também. (JVB *Corpus* PCVC)

No primeiro exemplo (62), reconhecemos que seja mais comum ouvir, na atualidade, a expressão “está osso”, que pode significar uma situação difícil, em que a pessoa está tendo trabalho em resolver alguma coisa. No entanto, o informante diz *que dá o osso aqui*, porque precisa se esforçar muito para conseguir o que quer. Dessa forma, o esforço que está marcado na expressão “está osso” é, também, percebido na expressão “dá o osso aqui”.

No exemplo (62), o contexto permite-nos compreender que a expressão “dá um branco” pode ser parafraseada por *esqueci*. Essas construções são de conhecimento automático para o falante nas quais são transmitidas conhecimento comum. Em (63) e (64), as expressões ocorreram com o uso do verbo *dar*, e forma registradas por ser do nosso interesse no presente estudo, mas é válido ressaltar que isso não constitua uma regra, pois o verbo não é um elemento fixo nesse tipo de construção, denominadas, também, como expressões cristalizadas substantivas por Rassi e Vale (2013). Assim, se temos um leque de opções formado com o verbo *dar*, como *dar casa, comida e roupa lavada, dar chá de cadeira, dar tchau e bênção*; outras construções podem ocorrer com outros verbos, como *ganhar casa comida e roupa lavada, levar um chá de cadeira, falar tchau e bênção*. (RASSI E VALE, 2013, p. 122).

Em alguns casos, observa Pereira (2011), as expressões cristalizadas não permitem supressão ou acréscimo de um elemento. A autora exemplifica com a expressão *chutar o balde*, na qual o grau de flexibilidade é limitado, não permitindo que sejam acrescentados novos elementos, como *o balde foi chutado*, construção que, certamente, perderia a condição de expressão cristalizada. (PEREIRA, 2011).

Por outro lado, para Biderman (2011), muitas expressões não são totalmente cristalizadas, ocorrem casos em que a construção pode ser flexionada, por exemplo, a modificação adverbial é possível em construções como *amigo íntimo* para *amigo muito íntimo*, mas o mesmo não acontece, por exemplo, em *vontade férrea* para *vontade muito férrea*. As construções com o verbo *dar* encontradas nos *corpora* permitem essa flexibilidade, são expressões mais metafóricas que já se tornaram estáveis na língua, além disso, são bastante recorrentes, ou nos termos funcionalistas, expressões produtivas da língua.

(65) Morar na casa de sogra ou de sogro **num dá certo**. CDS (*Corpus PPVC*)

(66) Sempre busco tê um clima harmonioso entre eu e meus colegas de trabalho, os meninos assim que trabalham lá, justamente... porque se há um atrito ali, um certo desgaste, discussão no trabalho, **num dá nada certo**, entendeu? JLS (*Corpus PCVC*)

(67) E tem o que casou [irmão] e aí ele **não dá muito certo** assim, temperamento dele assim... ele é muito, muito calmo, mas também as mulher é muito, tipo assim quer mandar, sabe? ESP (*Corpus PPVC*)

Nesse tipo de construção, embora sejam formadas a partir de elementos fixos, cristalizados, há a permissão para uma certamobilidade dos seus elementos. Desse modo, temos, nos exemplos, duas variações da construção *não dar certo*. Em (65), apenas a ocorrência *num dá certo*; em (66), há, nessa ocorrência, o acréscimo do item linguístico *nada* e, em (67), o acréscimo do item *muito*. Em ambas ocorrências, os elementos adjungidos aparecem como uma espécie de reforço para a expressão cristalizada. Salientamos que a presença de tais elementos não contribui para que a expressão perca a condição de cristalizada, apenas servem para intensificar ainda mais ideia do falante em expressões recorrentes.

Conforme Pereira (2011), o modismo também tem relação com as expressões idiomáticas, já que se trata de locuções específicas de uma língua e manifestam a mudança linguística. Outro fenômeno que contribui para construções de expressões idiomáticas é o verbo suporte, por mais que ele atue esvaziado de conteúdo, colabora semanticamente para o entendimento completo da construção. Encontramos casos assim nos *corpora*, a construção,

por exemplo, do *dá para*, uma sequência relativamente fixa que apareceu de forma recorrente em nossas ocorrências, como pode ser constatado nos excertos de fala (68) a (71)

(68) Não **dá pra** comprar, roupa de marca é muito cara! ESP (*Corpus PPVC*)

(69) DOC: Voltano pro seu lado pessoal, estudá e trabalhá pra você são difícil de conciliá?
INF: No momento não. Dá pra... dá pra... **dá pra conciliá** os dois, mas se surgir mais alguma coisa eu tenho que renunciá, porque... renunciá a algum, porque é complicado. JLS (*Corpus PCVC*)

(70) Num colégio pra uma professora entrá e ensiná os alunos ela tem que trazê de casa muitas vez'... odinhêro, coitada, num **dá nem pra mantê** a família dela, ela vai tirá pra ir na rua comprá material paensiná os menino é difícil a gente sab' que... que é muita precário a educação, né, escola pública, então, só Jesus. JVB (*Corpus PCVC*)

(71) DOC: *Eh...* você costuma assistí jogo de futebol?
INF: Gosto muito, assim que... todo domingo a tarde, eu go'...eu assisto um *futebolzim*, quando **dava pra ir** em São Paulo, eu já fui *ni* estádio SAA (*Corpus PPVC*)

O verbo *dar*, nesses exemplos, além de apresentar uma extensão de sentido, como já mencionamos, funciona como uma expressão fixa na língua. Como podemos observar. Essas construções foram empregadas nos *corpora* com uma estrutura semelhante [$V_{(dar)} + pra + V_{(infinitivo)}$], quando ocorre a inserção de um elemento, isso não altera o significado total da expressão *é possível*. Para Rassi e Vale (2013), o *dar*, nesse caso, apresenta-se como verbo modal semelhante ao *can/may* do inglês. Nesse sentido, o verbo indica capacidade ou competência, e toda estrutura deve ser classificada como construção gramatical. Tal interpretação condiz com a análise que realizamos em nossas ocorrências.

De acordo com Maciel (2005), as expressões idiomáticas mais ou menos metafóricas exercem funções diversificadas no texto, dependendo do nível de transparência de cada expressão, por isso o contexto é importante para analisá-las. Dessa maneira, conforme o pesquisador mencionado, entendemos que a língua possui muitas estruturas que funcionam de inúmeras maneiras como se fossem palavras únicas.

As expressões cristalizadas, portanto, manifestam o processo natural de mudança linguística, visto que são utilizadas, sobretudo, em situação de comunicação social, logo, facilitam a comunicação entre os falantes. Não há uma regularidade para classificar esse tipo de expressão devido à sua subjetividade, mas, como vimos, essas construções possuem características semelhantes e, em função da sua recorrência nos *corpora*, vale a pena o seu registro.

Ressaltamos que os informantes do *Corpus* do Português Popular possuem até cinco anos de escolarização, e os informantes do *Corpus* do Português Culto possuem mais de 11 anos de escolaridade. Orientados por essa classificação, na próxima subseção, analisamos os resultados da variável escolaridade.

5.2.1 Resultado da variável nível escolaridade

Testamos o fator escolaridade por acreditar que quanto maior for o nível de escolarização maior será o conhecimento do falante em relação à língua que utiliza. Dessa forma, hipotetizamos que os informantes com maior escolaridade tenham, em seu repertório, um leque maior de uso das possibilidades possíveis do verbo *dar*. Os resultados foram:

Tabela 5: Atuação da variável anos de escolarização nos *corpora*

	+ Prototípico	%	- Prototípico	%
Português Culto	45/151	30	106/151	70
Português Popular	45/134	34	89/134	66

Fonte: Elaboração própria

Sabemos que há uma tendência em esperar que falantes com maior nível de escolarização utilizem mais a forma conservadora da língua, enquanto falantes com menor grau de escolarização empreguem formas não padrão. Talvez essa ideia seja considerada por causa da estigmatização presente nas formas não conservadoras. No entanto, o uso das variedades do verbo *dar* não é condenável na língua, pelo contrário, indica o domínio linguístico do falante, visto que o uso do verbo suporte demonstra uma estratégia intencionalmente comunicativa do informante de provocar um efeito no discurso.

Maciel (2005), em seu estudo sobre construções com o verbo *dar*, ao perceber que o uso de expressões do tipo *dar aquela preguiça*, *dar pra aquilo*, *dar um de inocente*, só ocorreu entre informantes com 09 a 11 anos de escolaridade, concluiu que o uso de construções inovadoras não depende apenas de fatores sociocognitivos, mas também de fatores pragmáticos, como, por exemplo, o fato de o falante não querer se expor. Esteves (2008), por sua vez, constatou que os dados de perífrases *dar* + SN obtidos entre falantes do 3º ano do Ensino Médio e do último período do Ensino Superior apresentam, em geral, nuance semântica especial, revelando que os falantes com esses graus de escolaridade, empregam essas construções para alcançar funções semântico-discursivas.

Os resultados obtidos por Maciel (2005) e Esteves (2008) vão de encontro à ideia de que as línguas cultas são mais sintéticas e o português popular, por outro lado, mais analítico, isto é, os falantes do português popular apresentam uma tendência maior ao uso de mais material linguístico para se expressar. No entanto, para Labov (2008), é extremamente conservador acreditar que o princípio da diversificação da língua é a lei do menor esforço, pois essa afirmação tenciona a ideia de que a comunidade da fala é imutável.

Nos nossos *corpora*, não há uma grande discrepância entre o uso das formas mais e menos prototípicas, mas a pequena diferença revela que o verbo *dar* em seu sentido pleno é utilizado de forma semelhante pelos informantes. Já o uso menos prototípico, que engloba verbo suporte e expressões cristalizadas, ocorreu uma frequência um pouco maior no *Corpus* do Português Culto, ratificando a nossa hipótese de que os informantes cultos possuem, em seu repertório, um leque de alternativas maior de uso de expressões com o verbo *dar*. Vejamos, na próxima subseção, os resultados da variável sexo.

5.2.2 Resultado da variável sexo

A variável sexo foi controlada com o objetivo de averiguar o desempenho linguístico de homens e mulheres ao utilizarem o verbo *dar*. Hipotetizamos que as mulheres e os homens utilizam tanto a forma conservadora quanto as variantes inovadoras. Segundo os pressupostos da Sociolinguística, a depender do contexto, há uma tendência de as mulheres realizarem a forma de maior prestígio. No entanto, como não há, a nosso ver, um uso estigmatizado do verbo *dar*, vislumbramos a possibilidade de tanto os homens quanto as mulheres usarem todas as formas. Os resultados estão expostos na tabela 2 abaixo.

Tabela 6: Atuação da variável sexo nos *corpora*

		F	%	M	%	Total
Português Culto	+prototípico	33/96	34	12/55	22	45
	- prototípico	63/96	66	43/55	78	106
Português Popular	+ prototípico	36/87	38	9/47	19	45
	- prototípico	51/87	62	38/47	81	89

Fonte: Elaboração própria

Para Labov (2008), as mulheres desempenham um importante papel no mecanismo da mudança linguística, pois as mulheres conversam mais do que os homens com as crianças e

têm influência mais direta durante os anos em que seus filhos estão formando regras linguísticas. Porém, conforme, Labov (2008), isso não quer dizer que as mulheres lideram o curso da mudança linguística, e sim que as diferenças relacionadas a gênero desempenham um papel importante no mecanismo da evolução linguística.

A mulher está ocupando mais espaço no mercado de trabalho e, conseqüentemente, está se relacionando com outras pessoas fora do ambiente doméstico, contribuindo para mudanças em seu modo de falar. A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2011) afirma que as redes sociais das mulheres são mais heterogêneas do que as dos homens. Por esse motivo, e diante da análise nos *corpora*, entendemos que as mulheres dominam as formas mais inovadoras mais rapidamente do que os homens. Embora, em todos os *corpora*, os resultados tenham sido semelhantes, a saber: a forma [+ prototípica] possui um uso menor do que a forma considerada como [- prototípica] em ambos os sexos.

Desse modo, os dados da nossa pesquisa revelaram que as mulheres utilizaram o *dar* 183 vezes, enquanto os homens empregaram o verbo apenas em 102 construções. Apesar do menor valor de ocorrências masculinas nos *corpora*, ambos os sexos utilizam com frequência o verbo *dar* e suas acepções, houve, portanto, um padrão semelhante no uso do verbo *dar* entre os sexos, sendo que as formas menos prototípicas ocorreram com a frequência um pouco maior entre os homens. É válido ressaltar, portanto, que o emprego produtivo do verbo *dar* na forma mais conservadora na fala feminina demonstra que, há a rigor, segundo a literatura sociolinguística, obviamente levando em consideração o contexto geográfico e social ocupado pela mulher, uma maior preocupação com o uso de formas de prestígio.

Na próxima subseção, focalizando a possível sinalização de mudança linguística, discutiremos a variável social faixa etária.

5.2.3 Resultado da variável faixa etária

A análise dos dados comparados em função da faixa etária traz informações importantes para esta pesquisa, pois essa variável é indicadora de possíveis mudanças na língua. O próximo quadro ilustra esse resultado

Tabela 7: Atuação da variável faixa etária nos *corpora*

		Faixa I 15 a 34 anos	%	Faixa II 35 a 49 anos	%	Faixa III Mais de 50 anos	%
Português Culto	+ Prototípico	3/25	12	14/49	29	28/77	36

	- Prototípico	22/25	88	35/49	71	49/77	64
Português Popular	+ Prototípico	10/29	34	22/66	33	13/39	33
	- Prototípico	19/29	66	44/66	67	26/39	67

Fonte: Elaboração própria

A maior produtividade do verbo *dar* está na faixa etária III do *Corpus* do português culto. Sobre a construção *dar uma x-ada*, a forma mais inovadora do verbo *dar*, Souza (2003) investiga a produção dessa construção espontânea na fala de crianças, a autora hipotetiza que a aquisição desse fenômeno ocorre de forma tardia por causa do sufixo *-ada*, além disso, a dificuldade se dá, também, pelo fato da criança não utilizar com frequência o verbo *dar* como suporte. A esse respeito, Lopes e Souza (2004) afirmam que a difícil aquisição da estrutura *x-ada* se deve a complexidade do fenômeno por apresentar três processos morfológicos derivacionais e estruturas sintáticas distintas. No entanto, não houve uma aquisição tardia dessa construção nos *corpora*, uma vez que a faixa I utilizou com maior frequência a forma menos prototípica, que engloba a construção *x-ada*, totalizando 88% das ocorrências. Mas, mais uma vez, ressaltamos que o padrão do uso das formas foi semelhante, evidenciando um padrão.

Nessa perspectiva, os nossos dados confirmam a hipótese de que os jovens aplicam com maior frequência as formas mais inovadoras. É válido ressaltar que a variação nos sentidos do verbo *dar* não é algo novo na língua, isso contribui para que esse item lexical seja produtivo em todas as faixas.

6 CONCLUSÕES

A presente dissertação permitiu aprofundar o que já se conhece sobre o processo de gramaticalização do verbo *dar*. À luz do Funcionalista norte-americano, compreendemos que velhas formas passam a ocupar novos sentidos diante de uma necessidade na interlocução, assim, o informante, a depender da situação de uso, manipula o verbo para aplicar a expressividade desejada ao ato interativo. Em termos Sociolinguísticos, entendemos que o falante compõe o seu discurso de acordo com o vernáculo da sua comunidade. Assim, as motivações externas, como sexo, faixa etária e nível de escolaridade tendem a influenciar de certa forma as escolhas linguísticas realizadas. Também, por meio dessa teoria, foi possível analisar os condicionamentos internos que favorecem o uso das categorias do verbo *dar*, a saber: verbo pleno, verbo suporte e expressão idiomática.

Com esse estudo, objetivamos, de forma geral, investigar a gramaticalização do verbo *dar* no *Corpus* do Português Popular e no *Corpus* do Português Culto da cidade de Vitória da Conquista e, para tanto, inicialmente, optamos por buscar a origem etimológica do verbo *dar*.

Na análise dos dicionários da Língua Portuguesa, notamos que a extensão de sentido do verbo *dar* não é contemporânea, pois foi encontrado, nas amostras arcaicas, o *dar* já em processo de gramaticalização. Além disso, observamos que esse verbo é estudado com um comportamento mais gramatical, de modo que nem todos os dicionaristas o consideram como verbo suporte, focando apenas na questão do esvaziamento semântico.

Dando sequência a investigação proposta, neste trabalho, apresentamos três análises linguísticas sobre o verbo *dar*:

Sobre a transitividade verbal: na qual constatamos que o verbo *dar*, apesar do processo de gramaticalização, conserva, mesmo que em partes, o seu valor semântico de transferência, passando, muitas vezes, a possuir o valor de transferência metafórica.

Sobre a extensão de sentido: na qual verificamos que as acepções mais produtivas do verbo *dar* nos *corpora* investigados foram: *fornecer*, *ensinar*, *bater*, *produzir*, *causar*, *combinar*, *soar* e *possibilidade*. Mostramos que as quatro primeiras extensões estão mais próximas do sentido pleno do verbo *dar*, pois conservam a noção de transferência, mesmo que metafórica. E, por outro lado, os sentidos *causar*, *combinar*, *soar* e *possibilidade* envolvem outras ações, portanto, localizam-se mais afastados do valor de transferência.

Sobre o continuum de gramaticalização: na qual percebemos que os valores atribuídos ao verbo *dar* ao longo do tempo possibilitaram criar uma cadeia de gramaticalização com esse

verbo. Assim, nessa cadeia, existem dois extremos, em um situa-se o verbo pleno e no outro as expressões idiomáticas, dessa forma, temos: verbo pleno >verbo pleno abstrato >verbo suporte >verbo suporte integrante de construções *x-ada*>expressão idiomática.

Do ponto de vista extralinguístico, apoiados na análise sociolinguística, atestamos que os informantes como maior escolaridade empregam, com maior frequência, as formas menos prototípicas, pois possuem maior conhecimento da cadeia linguística. Na variável sexo, o verbo *dar* foi empregado de forma produtiva entre as mulheres e os homens, no entanto, as mulheres produziram a forma mais inovadora do verbo. Com relação à faixa etária, as formas inovadoras do verbo *dar* foram mais produtivas a partir da faixa intermediária.

A partir da análise dos dados, demonstramos que o processo de gramaticalização é o responsável pela capacidade categorial do verbo *dar*. Ademais, percebemos a sua potencialidade polissêmica e o comportamento semântico desse verbo. Ao possuir extensões de sentido, o *dar* passa por um processo de mudança de função, visto que pode atuar como item lexical autônomo ou como um elemento linguístico dependente de outros elementos.

Com relação à abstratização, podemos constatar que o verbo *dar*, com o seu sentido concreto de doação, transferir, ceder, pode obter o traço mais abstrato em construções como *dar informação*, já que o que será transferido não é um objeto concreto. O *dar* é usado, então, como suporte ao predicador, e essa escolha reflete a busca por sentidos particulares, o que contribui para as novas acepções atribuídas ao verbo. Nessa perspectiva, é importante salientar que as variações presentes nesse verbo confirmam a ideia de que a língua é um instrumento de comunicação/interação social.

Acreditamos que a nossa pesquisa, portanto, poderá contribuir com o estudo do processo de gramaticalização de verbos e, para além disso, poderá contribuir para o entendimento que os fatores sociais são indispensáveis para a compreensão da variação/mudança linguística.

Por fim, ressaltamos que o estudo do processo de gramaticalização do verbo *dar* não se esgota nesta pesquisa, ainda há muito o que pesquisar sobre a configuração semântica de construções com o *dar*, demos, apenas, um passo.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia M. Socolinguística – Parte I. in: MUSSALIM, F. & BENTES, A.C. (orgs.) 2001. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 3.ed. São Paulo: Cortez.
- BAGNO, M. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. Parábola Editorial, 2012
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística / Marcos Bagno*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BIDERMAN, Maria T. *Unidades complexas do léxico*. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>. Acesso em 08 de dezembro de 2015
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulárioportuguez& latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.
- BORTONI-RICARDO, M. Stella. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Tradução: Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CALDAS AULETE, Francisco Júlio. *DiccionárioContemporaneo da Língua Portuguesa*. Lisboa. 1 v., 1925.
- CASTILHO, Ataliba T. De. *Nova gramática do português brasileiro / Ataliba T. De Castilho*. – 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *A Propósito de um Dicionário de Frequência*. In: *Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. N ° 8 – 2º semestre de 1994 – Rio de Janeiro; pp 31-55
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro : Lexikon, 2010.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da. *Transitividade e seus contextos de uso / Maria Angélica Furtado da Cunha, Maria Medianeira de Souza*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DAVEL, Alzira. *Um estudo sobre o verbo-suporte na construção dar + sn*. Dissertação. Vitória. UFES, 2009.
- ESTEVES, Giselle. *Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples.* Giselle Aparecida Toledo Esteves. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos*. – 5. Ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- HEINE, Bernd;CLAUDI,Ulrike;HUNNEMEYER, Frederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P; THOMPSON, S. *A transitivity in grammar and discourse*. *Language*, v. 56, p. 251 – 299, 1980.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Moura de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa / elaborado pelo instituto Houaiss de lexicografia*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva / 1ª edição. 2009
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Mª Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Indivíduo, Sociedade e Língua: Cara, tipo assim, fala sério!* – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.
- LOPES, Ruth; SOUZA, Tharen. *Dar uma x-ada: por que sua aquisição é tardia?* *Working Papers em Linguística*, UFSC, n.8. 48-59. 2004.
- MACIEL, João Wandemberg G. *Construções lexicais complexas constituídas com o verbo dar: processos metafóricos de construção de sentidos*. Tese (Doutorado) – UFPB/BC, João Pessoa, 2005.
- MARTELOTTA, Mario E.; AREAS, Eduardo K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria A. Furtado da; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mario E. (org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DO&A, 2003.
- MARTELOTTA, Mario E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mario E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 32ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1965.
- NEVES, M. H. M. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbo-suporte. In: BASÍLIO, M. A delimitação das unidades lexicais. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 98-114.
- NEVES, M. H. M. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. Estudo das construções com verbo suporte em português. In: KOCH, Ingedore Villaça (Org.) *Gramática do português falado*. v. VI: Desenvolvimentos. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 1996.

PEREIRA, Edieni M. *Uma análise sobre as expressões cristalizadas em canções de diferentes*. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/60704>. Acesso em 08 de dezembro de 2015.

SALOMÃO, M. M. M. *Polysemy. Aspect and modality in Brazilian Portuguese. The case for a cognitive explanation of grammar*. Tese de doutorado. University of California at Berkeley, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 34ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.
SCHER, A. P. *As construções com o verbo leve "dar" e as nominalizações em -ada no português do Brasil / Ana Paula Scher*. - Campinas, SP : [s.n.], 2005.

SILVA, Liliane. *Construções Lexicais Complexas com o verbo dar: estruturas de significados ou instrumentos de Construção de sentidos*. Estudos Linguísticos, p. 563-568, 2005.

SOUSA, Valéria V. *Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*. Tese (Doutorado) - UFP, João Pessoa, 2008.

SOUZA, T. T. *Construções com o sufixo -ada*. Relatório final das atividades PIBIC/UFSC, ms, 2003

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí, e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequencição retroativo-propulsora de informações- um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutorado) - UFSC, Florianópolis, 2003.

VOTRE, Sebastião Josué. *Gramaticalização*/Sebastião Josué Votre, Maria Maura Cezario e Mário Eduardo Martelotta – Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004